ILUSTRAÇÃO

GOD SAVE THE KING!

1-MAIO-1937 N.º 273 — 12.º ano PREÇO - 5 escudos

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do numero premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

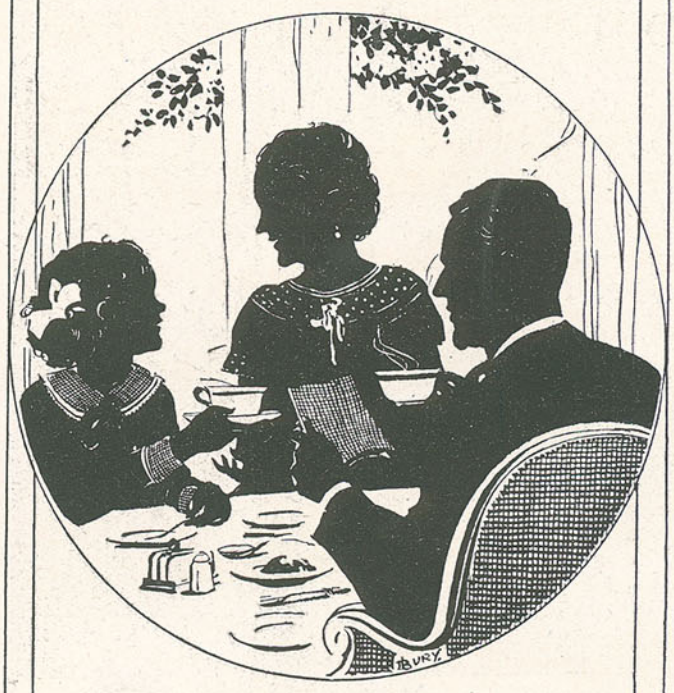
ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Comece o dia com

'OVOMALTINE'

a bebida
que lhe dá a si e aos seus,
saúde e energia

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata
DR. A. WANDER S. A. — BERNE
ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:
ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:
O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12$00** enc. . . **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA
o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa

1 vol de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Branquiei a Minha Pele Escura E Feia

«A minha pele estava amarela, escura e estragada. Apresentava desagradáveis pontos negros, grosseiras películas e poros dilatados em volta do nariz, do queixo e da testa. Hoje, a minha pele macia, branca e aveludada e a minha tez encantadora fazem a inveja e a admiração de tôda a gente.»

Tôda a mulher pode presentemente branquear, amaciar e embelezar fàcilmente a pele fazendo o simples uso, todos os dias, do Creme Tokalon alimento para a pele, côr branca (não gorduroso). Êste contém agora creme fresco e azeite predigeridos, combinados com ingredientes adstrimgentes que embranquecem e tonificam a pele. Penetra instantâneamente, acalma a irritação das glândulas da pele, fecha as poros dilatados, dissolve os pontos negros de tal maneira que desaparecem, branqueia e amacia a pele mais escura e sêca. Mantém a epiderme mais sêca, fresca e com uma leve humidade, mas isenta da gordura. Convém igualmente a uma pele oleosa.

O Creme Tokalon, Alimento para a Pele, (côr branca), torna, em 3 dias, a pele duma beleza e dum frescor novos e indescritíveis — e isto duma maneira impossível de obter de forma diversa. Se a sua pele está enrugada e velha, deverá empregar também o Creme Tokalon, Alimento para a Pele, (côr de rosa), à noite, antes de se deitar. Êle alimenta e rejuvenesce a sua pele durante o sôno.

À venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon, 88 — Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.

O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reune tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, **Esc. 30$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 33$00**

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

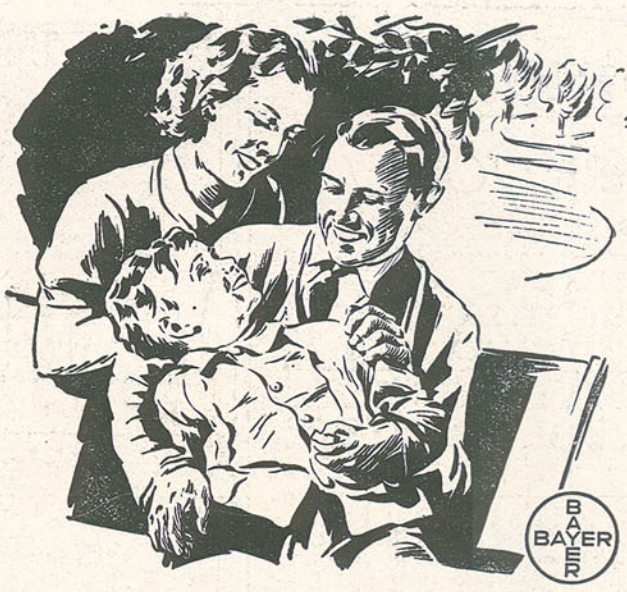
O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA



Horas sem sofrer..
Horas felizes

Este petiz é o orgulho do pai, a alegria da mãi e o sol do lar. O seu feitio sempre vivo e natural torna-o favorito de todos. Para ele existe só a alegria neste mundo; ele não conhece a dôr - nunca a viu.
As crianças são auxiliadas pela natureza, os adultos pelo poder sedativo e reanimador da

Cafiaspirina

À venda a 9.ª edição

D. PEDRO E D. INÊS

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. **12$00**; pelo correio à cobrança, Esc. **14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

à venda o 3.º milhar

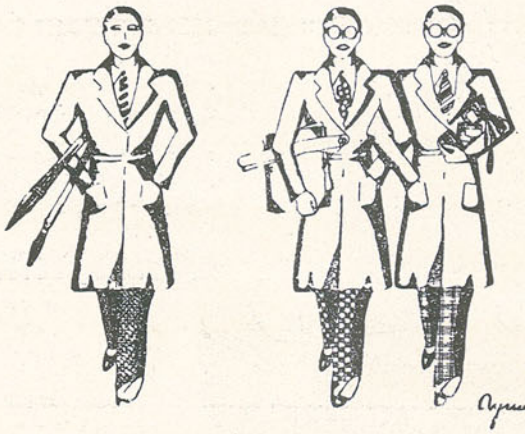
O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o «Greco» — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata . . . . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **14$00**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 2 1308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Dr. Benguê, 16, Rue Ballu, Paris.

BAUME BENGUÉ

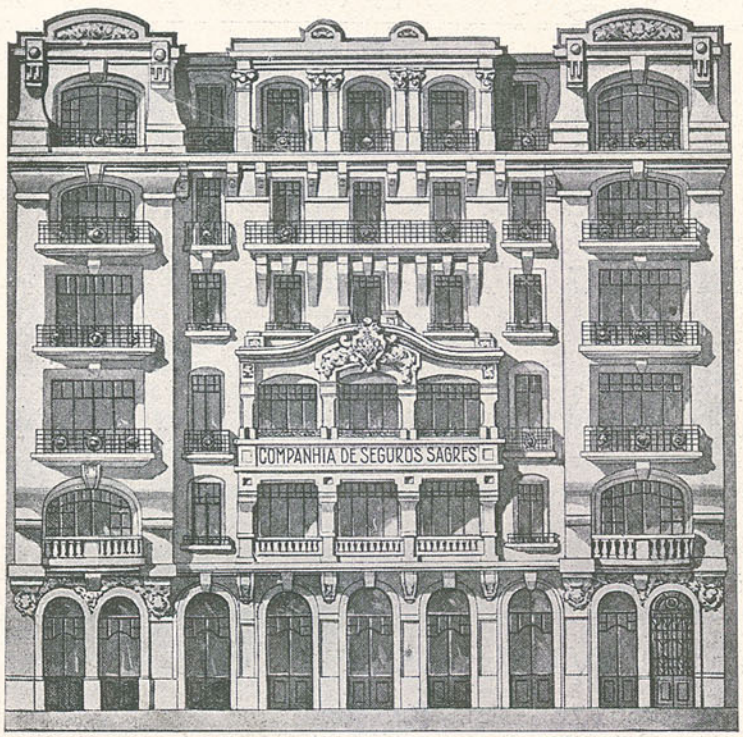
Apr. D. S. P. em 6-3-1913 sob o N° 28

RHEUMATISMO-GOTA NEVRALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

SAGRES

COMPANHIA DE SEGUROS LUSO-BRASILEIRA



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa, pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

Séde: Rua do Ouro, 191

LISBOA

TELEFONES 2 4171 — 2 4172 — P. B X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000$00

Seguros de vida em tôdas as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA

— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO

MARITIMOS

AUTOMOVEIS E POSTAES

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 273 — 12.º ANO
1-MAIO-1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

QUINTA FEIRA DA ESPIGA

QUINTA-FEIRA DE ASCENÇÃO!

Quinta Feira da Espiga que o nosso povo festeja com tôda a sua alma, na esperança de melhores dias. A espiga que enfeita a lapela dos romeiros simboliza a abundância que todos desejam, e nêsse amuleto concentram tôdas as suas aspirações.

Festeja-se, portanto, a Ascenção de Jesus, visto coincidir com o florir das searas que darão o pão nosso de cada dia.

Há muitos anos que a Humanidade, alanceada cada vez mais por sofrimentos, e mal suportando já o pesado fardo da sua existência, vem erguendo esta pregunta aflitiva à muda vastidão dos céus:

—Voltareis, ó Cristo?

Segundo o Evangelho, o Mártir do Calvário despediu-se do Mundo após quarenta dias da sua ressurreição, deixando como redenção única o seu exemplo.

E o que fez a Humanidade? Mais do que nunca se embrenhou em lutas ferozes, dando largas aos seus instintos perversos e ao seu egoísmo torvo e indomável.

Podemos afirmar até que as ambições acalentadas por Tibério no tempo em que Jesus veio ao mundo, não passavam de puerilidades perante o que estamos vendo nêste ano da graça de 1937!

Vendo o que se está passando pela terra inteira, chegamos a ter a impressão — Deus nos perdoi! — de que os justiçados de Gomorra e de Sodoma eram cidadãos exemplares, justos e cumpridores da verdadeira lei...

Porque há-de a Humanidade erguer o seu velho estribilho do «Voltareis, ó Cristo?»

Não lhe deixou Cristo o seu Evangelho de Paz, de Amor e de Perdão? Não lhe facultou os preciosos ensinamentos do seu Sermão da Montanha?

F. Bartolozzi sculp. em Lx.ª em 1813, tendo de idade 86 annos.

Pois dar-se-ia o caso de serem os felizes ouvintes de então menos broncos do que os civilizados mortais desta barulhenta era da T. S. F.?

Tudo passou, menos o que os lábios do Justo preconizaram.

Para que desejariam a nova vinda de Jesus à Terra?

Para o crucificarem novamente?

Festejemos a Quinta Feira da Espiga com tôda a sua virtude simbólica da abundância que todos desejamos.

Êste dia, consagrado à Ascensão de Jesus, virá lembrar-nos que, tendo o Redentor deixado o mundo, pelo qual verteu o seu sangue generoso, nos legou o seu divino exemplo para que fôsse seguido por todos, sem excepção de clero, nobreza ou povo.

Nada de ódios, nem de lutas, visto que todos, nos irmanaremos na triste fraternidade da vala comum.

Sim, porque mesmo aquêles que guardam os ossos em jazigos rendilhados, irão juntar-se, um dia, com o dobar dos séculos, aos restos dos desgraçados que nem uma cruz tiveram a marcar-lhes o lugar.

Se Cristo aconselhou a todos os mortais a mais sincera fraternidade, eis o que nos compete fazer. Cumprido isto, o Mundo será outro, muito outro.

E então, sim, que os povos se divirtam na Quinta Feira da Espiga, confiantes na abundância que só a paz, a tranqüilidade e o respeito mútuo lhes podem trazer.

DA IGNORÂNCIA À PONDERAÇÃO

Críticos velhos e críticos novos

Os críticos da moca "por aqui ninguém passa com vida„, bem avaliados, não prestam para nada e nenhuma simpatia merecem. A justiça que aplicam é falsa, o acto de polícia que pretendem exercer, é dissolvente. Simples retóricos demagogos, limitam-se a agravar o vício que dizem combater.

"Acabaram-se os escritores, poetas, romancistas, cronistas, comentadores... os Bernardes, Vieiras, Eças, Camilos... secou a fonte, instalou-se o deserto onde vegetaram as letras...„ afirmam-no êles olhando à roda, assanhados, prontos a reduzir a cisco, laudas de papel impresso que lobriguem.

Bojarda dêste tamanho não assentará em basófia de entendedor pretensioso?

Parecer de crítico, não é. Quando muito, ficará por falácia de preguiçoso incapaz de sujeitar-se ao trabalho de examinar, necessário a quem se propõe julgar com tino.

Outros menos audaciosos em proferir sentença e amigos de sondar o que vem a público, bem pelo contrário andam fartos de topar Bernardes, Camilos e Vieiras, se não em forma, pelo menos em poder. Talvez que muitos fiquem embrionários, em mera revelação nunca evoluída. O serviço da crítica estaria, pois, em desvendar o motivo da sua condição abortiva. Certamente o "não há nada que preste„ revela sagacidade igual à do labrego que diz "perdeu-se a sementeira„ sem explicar o porquê e porque não.

O crítico da moca fica-se por cego de entendimento, não merece ser escutado, quando lhe falte o sal da graça histriónica, em algum presente. Admitem-se como palhaços para divertir, dizendo enormidades. Para dar-lhes crédito, não.

Posto a funcionar o senso comum, sòzinho, sem mais ajuda, acha-se que nêste tempo de agora haverá menos escritores a descoberto como há menos arrieiros, pelo simples facto de haver-se reduzido o emprêgo de bestas arreadas com o desenvolvimento da condução automóvel. Os escritores nascem em número superior ao tempo de Vieira por ser maior a população. Nascem escritores como nascem alfaiates, cardadores, jardineiros, depois formados na proporção das necessidades do povo consumidor. Se da primeira variante chegam poucos à maturidade, culpa cabe a quem lhes não pede obra. Poemas ou casacas, romances ou capotes à alentejana fabricam-se na conta pedida pelo gôsto popular.

Se aparecerem leitores suficientes para romances camilianos ou juliodinisianos, logo haverá três Camilos e quatro Júlios para escrevê-los. A diferença do dia de hoje está em o gôsto se ter desafeiçoado da iguaria literária deixada por êsses e outros que tais, como se desprendeu de qualquer cibo dessa natureza. O povo não lê Camilos nem outros, antigos ou modernos, por motivo bem diverso de uns terem e a outros faltar o talento de escritores. Não lê porque deixou de ler na proporção de outros tempos. Distraíram-no, desviaram-no, com o que não devemos regosijar-nos, pois tais costumes apenas servem para barbarizá-lo, visto não haver cultura sem leitura.

Eis como na perspectiva declarada se tornaria pernicioso o crítico da moca se houvesse quem o atendesse. Ora não há. O leitor foge do romance, do poema como dêsses profetas da destruição que só veem e querem a morte e o silêncio.

Não quer dizer que sejam inofensivos. Os raros ainda amigos da leitura podem ser desviados da prática salutar, se muito lhes repetirem que deixem de ler. Malditos sejam, pois, e louvados apenas os que propositam excitar o gôsto das letras. São os que entendem a crítica de modo diferente, que vem a ser a maneira generosa, dedicada a servir o semelhante, ajudando-o a compreender o sentido menos claro, porventura mais nobre do que está escrito.

Há uma crítica sòmente preocupada com o exame minucioso que se destina a revelar a beleza e o pensamento da obra aos menos dotados para apreendê-la. Limitam-se a ensinar a ler na profundidade ou prestar auxílio aos que por falta de aptidão ou vagar se ficam pela superfície das palavras escritas.

Postos os dois modos em confronto estimativo, custa pouco decidir pelo respeito a um e o repúdio do outro. Pronto acode ao voto de "fóra com o anárquico e destrutivo„ o de "venha o edificador„.

O primeiro foi o usado pela geração dos velhos, prestes a desaparecer. A crítica estadulhal da desassombrada ignorância, da superficialidade vistosa, da pulha de entrudo atirada ao transeunte, foi a de uma época que se extingue sem brio e sem prestígio, A outra desponta agora em jóvens que fazem crêr numa nascença prometedora.

Entre os que se manifestam votados a cultivar esta variante achada entre a geração nova, agrada mencionar Manuel Anselmo, porfiante no trabalho de preparação para a especialidade escolhida. No limiar da mocidade, mostra-se já a caminho de possuir um estilo, o que raro se observa e deve atribuir-se a prática perseverante de leitura intencional, dedicado a desfibrar a sua contextura para melhor lhe absorver o sentido.

No resultado transmitido dos seus exames—digamos a sentença proferida sôbre casos que examina—acharemos hesitação perante o pêso a levantar. Não se extranha por ser próprio da sua idade. Reunir em síntese sumária a obra de um auctor, produzida ao longo de muitos anos, em momentos de sensibilidade diversa, é tarefa que demanda como aparelho de prova uma vida extensa bem vívida.

Não se aceita a possibilidade de um juiz do Supremo com menos de meio século de idade, como não se compreenderá a formatura em menos tempo de um julgador habilitado a definir a vida e obras de um homem, em síntese sumária, seja qual fôr a actividade nela desenvolvida.

O que Manuel Anselmo já pratica com tino louvável é a interpretação imediata, destinada a mostrar o conteúdo do que o leitor distraído não se apercebera.

Nessa parte inicial do propósito concebido só aplauso merece quem de tão boa vontade se dedica a um trabalho árduo, original, até hoje por fazer.

No que respeita ao autor do "Sexo Forte„, motivo deste arrazoado, ha a confirmar uma parte do juizo feito, e a referir a sua deficiência quando pretende formar síntese ou dar sentença. Que na obra indicada se acha o elogio da vida, é exacto; que nela se contenha apenas êsse motivo de existência, não está certo. O louvor da natureza espontânea e referência prodigiosa das reacções da vida animal correm a par de uma interpretação da característica humana, considerada como valor àparte dentro do Universo.

Bem pode ser que o autor não haja conseguido o seu propósito, mas a verdade é que nos três livros "Sexo Forte„, "Luz Perpétua„, "Dona sem Dono„, êle pretendeu mostrar a singularidade do fenómeno amoroso observado na espécie, inconfundível na sua evolução, condicionado pela consciência, só por si bastante para atribuír-lhe força criadora única, não observada em outro ser vivo.

Amor humano entende-se que seja o do homem diferenciado pela inteligência, de graduação mental superior, não o do homem rudimentar, informe de pensamento, ainda sujeito á reacção do amor zoológico, força bruta, indómita.

Esse distintivo procuram defini-lo as provas experimentais realizadas com as personagens das tres acções desenvolvidas.

Em "Sexo Forte„ apresenta-se o impulso natural desapercebido ou não acondicionado pela consciência, um acto de homem que não é o amor humano; nos seguintes estuda-se o modo de ser da forma distintiva, a própria do ente com a noção da sua presença no Universo.

Confessa-se o desgosto colhido de reconhecer a constante incompreensão que persegue a obra, sempre suspeita de intentos nunca formados e afastada dos que se tiveram. A investigação feita sôbre um dos grandes problemas humanos, talvez o maior, por andar unido ao da percepção dos destinos últimos desconsideram-na os leitores julgando-a propositada a bem efémero desígnio. Tem de reconhecer-se que a falta provém de defeito na expressão usada pelo que relatou a experiência.

A afirmação de que Tantoc e Mariluca são a mesma personagem, repetindo o mesmo tema, mostra que o desejo de quem os concebeu e poz em movimento, não foi atingido. O sentido da prova efectuada com essas duas cobaias assenta no desejo de formular a diferença nítida dentro do plano que tentou delinear-se nesta breve referência. Isto cabe manifestar quanto aos pontos tocados pelo auctor da "Antologia„ na bem intencionada notícia agora em causa.

Não quer significar a explicação dada que apenas fôsse êsse o intento procurado.

O auctor da obra apontada pelo jovem crítico supõe que mais alguma substância nela se contém que mereceria ser recomendada ao leitor. Que mais não fôsse a exposição folclórica, relativamente extensa, demonstrativa da característica portuguesa admite-se como bastante para justificar um juizo. Poderá ser imperfeito ou falho de graça o comentário realizado; ao menos será contável pela quantidade de pormenores que valerá a pena fixar.

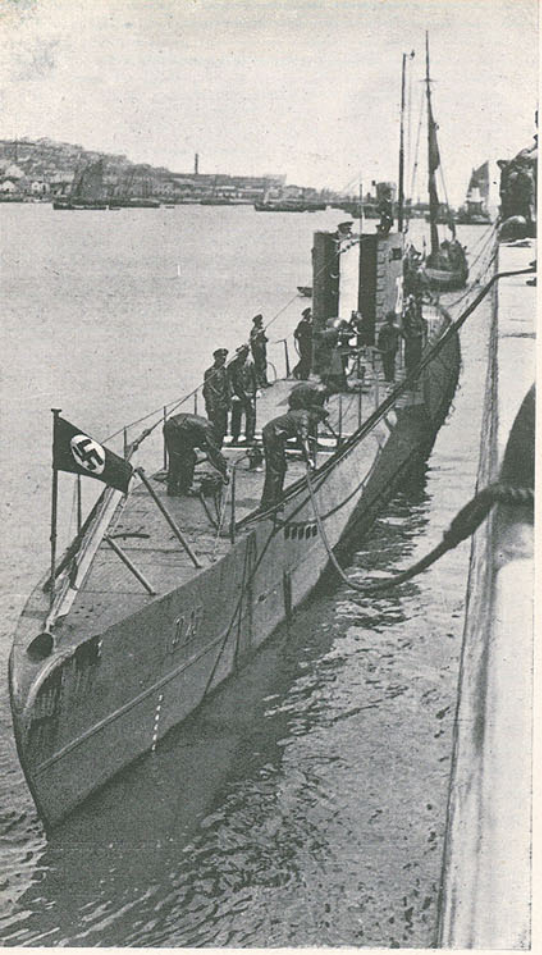
E agora se define que o dito aqui se trouxe com o propósito de saudar o moço escritor, decidido a ser edificador e não demolidor dentro da república das letras. Assentemos ainda que, pobre e mal fadada, não o é tanto que envergonhe como juram os foliões arruaceiros sempre dispostos a fazer entrudo com o que só respeito devia merecer.

Se Manuel Anselmo, disposto a estudar e entender o que se escreve, quizer encarregar-se de ensinar a lêr os analfabetos com curso superior, numerosos neste país pobre de Portugal, ganhará direito a ser referido entre os homens bons dignos de serem galardoados. Ser mestre-escola de doutores, depois de sopesado, parece ofício não banal e muito necessário de introduzir na nova casa dos vinte e quatro, prometida pelos tempos já nados e criados.

Samuel Maia.

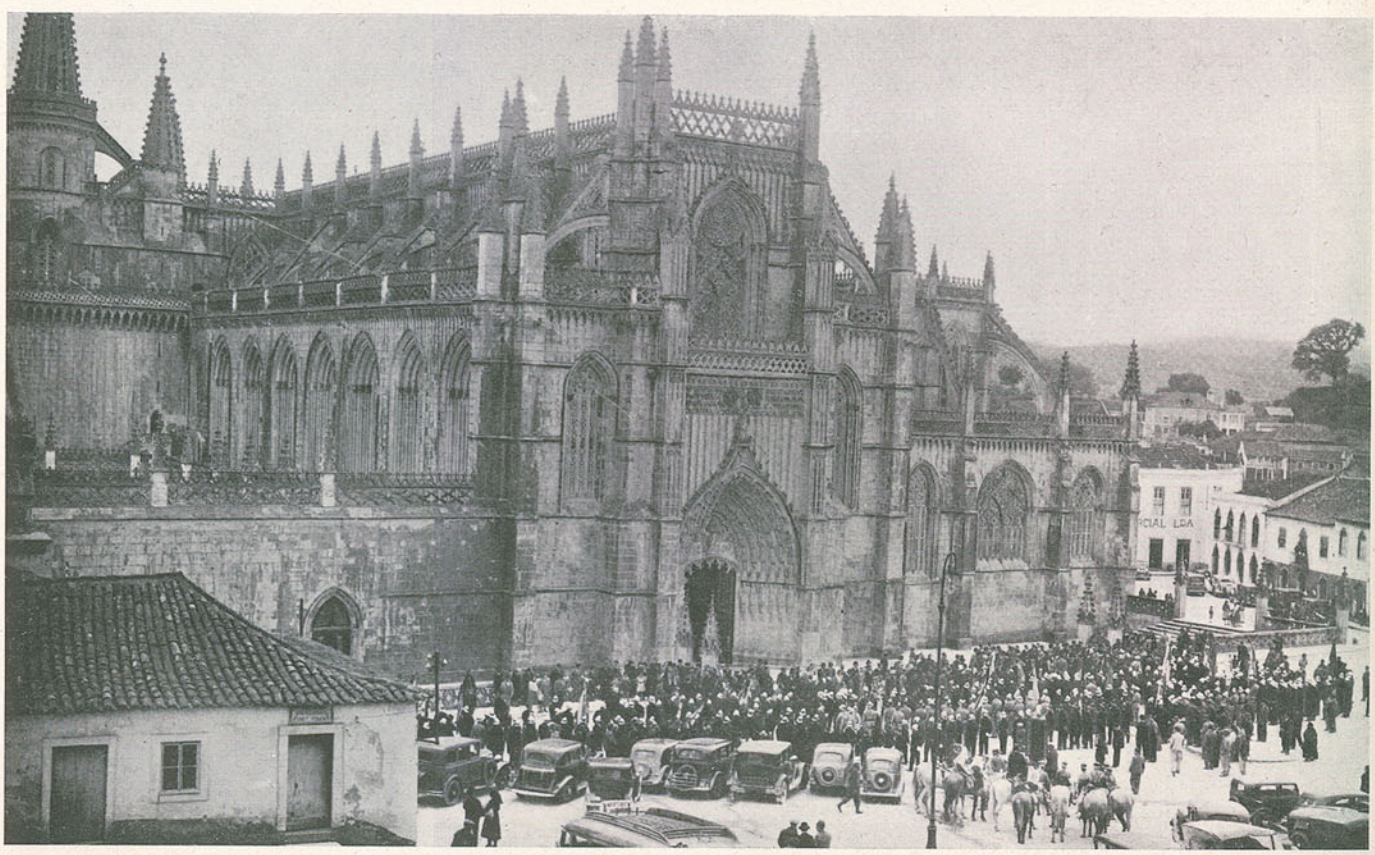
Como um pintor célebre definiu os tais críticos da «moca»

NOTICIAS DA QUINZENA



O submarino alemão «U-25», que toma parte na fiscalização do litoral espanhol, atracado à muralha da Rocha do Conde de Óbidos, quando há dias nos visitou na sua passagem por Lisboa. Mede 72 metros de comprimento e 6 de largura máxima. A sua tripulação é de 4 oficiais e 36 sargentos e marinheiros

O sr. dr. Agostinho de Campos realizou na Academia das Ciências uma notável conferência sôbre «O elemento lírico nos autos de Gil Vicente». Encerrou a sessão o sr. dr. Júlio Dantas que, salientando o alto valor da conferência do sr. dr. Agostinho de Campos, a classificou de excelente antologia da língua de Gil Vicente, comentada com erudição e elevado senso crítico. A nossa gravura apresenta o conferente, tendo à sua direita a embaixatriz do Brasil e o sr. dr. Júlio Dantas, e à esquerda o embaixador e o sr. dr. Egas Moniz. Que estas comemorações da grande figura do fundador do Teatro Português sirvam de incentivo àqueles que pelo verdadeiro teatro se interessam



COMEMORANDO o 9 de Abril, os bombeiros portugueses foram colocar na sepultura do Soldado Desconhecido o facho simbólico. A imponência desta afirmação de fé patriótica, e de muitas outras efectuadas através do País, mostra bem a firme confiança que todos os portugueses têm nos destinos da Raça. Os bombeiros — intrépidos e abnegados soldados da paz — acorreram de todos os pontos de Portugal. O facho de bronze, em que está gravada esta simples legenda — «Os soldados da paz ao Soldado Desconhecido», é o mais eloqüente pregão de acendrado patriotismo. A gravura acima mostra os bombeiros formados em frente do majestoso mosteiro da Batalha

A "DANÇA DOS PAULITOS"
DE MIRANDA DO DOURO

A «dança dos paulitos»

CONSTITUI, sem dúvida, uma das mais castiças expressões do nosso folclore, a *"dança dos paulitos"*, que, nos recatados confins de Terras de Miranda do Douro, é ainda executada pelos naturais no festival a Nossa Senhora do Nazo e em outros, sem que as investidas da civilização a tenham conseguido derrubar ou subverter, descaracterizando-a. Êste divertimento é duma antiguidade quási imemorial, pois já no século XV se exibia nas festas do *"Corpus Christi"*.

Os actores do bailado — em número de 16, na dança completa, ou de 8, na meia dança — manejam com agilidade uns pequenos bastões com cêrca de 35 centímetros, *"palotes"* ou *"paulitos"*, com os quais marcam o compasso, batendo com êles reciprocamente. Os dançantes, *"peões"* e *"guias"*, em mangas de camisa, tendo nas costas, ao pendurão, lenços floridos de seda, dançam numa exaltação febril, saltitando, volteando, cruzando-se e contorcionando-se com simplória graça, num estilo que perturba e entontece, ao mesmo tempo que os bastões se entrechocam ritmicamente. Durante as evoluções coreográficas, usam uns fantasiosos vestuários regionais, apropriados para êste divertimento e característicos pela orgia policrómica e terna complexidade.

Constam de um largo chapéu braguês, prêto, engalanado de lantejoulas, penas de pavão e flores, tendo pendentes da aba duas longas fitas; colete guarnecido caprichosamente e no qual se distingue um losango de tecido branco, na parte posterior que se ajusta às costas. Êstes coletes são de grosseiro burel escuro, a que chamam *"pardo"*, espreitando no bôlso dos mesmos, lenços brancos, matizados a côres berrantes; sáias brancas, rodadas, de grandes fôlhos, tendo na barra guarnições bordadas; garrido saiote de baeta vermelha; meias de lã branca, ensilveiradas a prêto e sapatos de baqueta branca, ornamentados a côres. Esta dança cheia de côr, de movimento e dum certo pitoresco selvagem, quási não carece de ritmo e de sentido musical; executa-se ao som horrísono do tamboril, da caixa de rufo e da gaita de foles. Além dêste instrumento ruidoso, tangem os dançarinos durante a exibição, castanholas, que ressoam no bailado como um estridente acompanhamento.

O «Vira» minhoto

Tam característica dança, presa a uma sólida tradição, é por vezes acompanhada por canções populares, num cerrado dialecto quási incompreensível, mixto de português e de castelhano. Tem diversos estilos e variantes — *"laços"* — contando-se entre os principais: a lebre, o mirondúm, a erva, as pombas, os ofícios, a carmelita, D. Rodrigo, o perdigão, o vinte e cinco, o acto de contrição, o cavalheiro, a pimenta, o touro, o canário e o maridito.

Teve a prioridade nestas investigações o erudito folclorista dr. Leite de Vasconcelos que, nos "Estudos de Filologia Mirandesa" abordou o tema desenvolvidamente.

Assegura o douto arqueólogo Reverendo Francisco Manuel Alves, que êsse bailado deve ter tido uma origem sagrada que se obliterou, e não guerreira, como conjecturam alguns comentadores. Tal hipótese é admissível, tanto mais que os mirandeses não bailam com espadas, lanças ou qualquer outra arma ofensiva, mas simplesmente com pequenos bastões, como foi já referido.

A dança dos paulitos não guarda dos tempos antigos nenhum vestígio pagão, sendo demasiado rigoristas os párocos que a não toleram nas festas religiosas. Em Penafiel, nos festivais do Corpo de Deus, exibem-se algumas danças originais tais como a dos sapateiros, dos ferreiros, e outras em que há animação e ingenuidade.

Seria longa a enumeração de tôdas as danças populares portuguesas, muitas delas tumultuosas e cheias de dinamismo.

Cada província, cada região, possui os seus bailados característicos, manifestações, de vivacidade, de alegria, telas animadas das ocupações agrárias e dos arraiais rumorosos: o Algarve tem a *"cana-verde"* e o *"corridinho"*, dançados quási sempre ao som da harmónica; o Ribatejo, o *"vira-vira"*, o *"estaladinho"* e o *"verde-gáio"*, cujos movimentos são regrados freqüentemente pela gaita de beiços; o Douro, o *"regadinho"* e a *"chula-vareira"*; o Minho, o *"malhão"*, o *"vira"*, a *"ramaldeira"* e a *"cirandinha"*, modas estas dançadas quási tôdas ao som raspado e chocalhante da viola e de típicas cantigas.

Entre as danças mais ou menos licenciosas, conta-se o *"fado"*, batido no tablado das lôbregas alfurjas em posições torpes e desnalgadas, em que o sádismo e a devassidão se confundem, vibrando em unísono.

Muito embora cheia de nítida influência andalusa, deve ainda notar-se a dança, o *"fandango"*, cujo sapateado ou ruído feito com os rastos e tacões do calçado, atingem os efeitos duma saltitante orquestração.

A carta coreográfica da dança nacional, é uma farândula de graça desenvolta, castiça, sádia e embriagante, que devia merecer o culto dos folcloristas que têm entusiasmo por tôdas as revelações da simplória alma popular.

Guilherme Felgueiras
(da Associação dos Arqueólogos Portugueses)

O cometa de Halley focado pelo distinto fotógrafo amador, sr. J. M. Coutinho, na madrugada de 3 de Maio de 1910

RECORDAÇÕES E APONTAMENTOS

COMO EU CONHECI AQUILINO RIBEIRO

Foi em Viseu, em 1907, não sei em que mês do ano, mas já o frio picava.

Encontrávamo-nos na redacção de *A Beira*, nos baixos da casa de José Perdigão, ao Largo dos Balcões, perto da Sé... *A Beira* foi um famoso bi-semanário, e tinha, nada menos, de seis redactores efectivos — o Perdigão, que dirigia, Carlos de Lemos, Pereira Vitorino, Ricardo Pais Gomes, Alberto Bastos e o autor destas linhas!

O tempo estava ennevoado, e aqueciamo-nos — o Perdigão, o Lemos e eu — a uma braseira, cansados já de discutir, dormitando... Tinhamos passado ali a noite. O momento era grave!

De quando em quando, entrava um correligionário — o Marques da Sola, o Martins Ourives, o Nascimento da Padaria, o Ley Sapateiro, o Bastos da Singer, o Paixão Novo, o Granadeiro do Torreão, o Arnaldo Malho, o Fonseca, o Alface, o Marques, o Inácio, o Almendra, o dr. José Pereira, o dr. Bernardo Pais, o dr. Celestino, o Arnaldo Lobão, e dezenas e dezenas de outros — e nós, exaustos, dormitando sempre!

Esperávamos ordens de Lisboa... Para lá fôra, havia 3 dias, o dr. Pereira Vitorino — um diplomata que a República, cègamente, não aproveitou, e que é, de nascença, embaixador. Tôda a cidade — inclusivè os chefes dos dois partidos monárquicos oposicionistas, os doutores José Vitorino e Eduardo Correia — esperava, ansiosa, a boa-nova da revolta.

Pouco depois do meio dia, em passos lentos, entrou na sala o dr. Pereira Vitorino! Alvoroçados, despertámos do letargo. Subimos ao 1.º andar, e entrámos no salão da biblioteca de José Perdigão, que mandou fazer café e trazer licores...

O nosso embaixador chegara de automóvel, à meia noite, e, impávidamente, dormira as suas doze regaladas horas do costume; já o recomendara Talleyrand, o Mestre: — *Surtout, pas trop de zèle!*

A nossa indignação só foi contida pela extrema solenidade do momento...

Mas Viseu inteira vira atravessar Pereira Vitorino dos seus Paços da Rua Formosa ao Largo dos Balcões: já a redacção trasbordava de novos assinantes; o Luiz de Andrade, chefe da secretaria, não tinha mãos a medir: infatigável e risonho, enchia listas sôbre listas de novos correligionários, que alastravam sôbre a grande mesa!

— Entretanto, o que é certo — dizia-nos o nosso plenipotenciário, acendendo o seu *bout-doré* — é que Lisboa manda-nos esperar!

O que se havia de dizer ao povo que aguardava, ansioso?!

* * *

Às três horas, sentiu-se a voz do capitão José do Amaral, ajudante do general de divisão, Pinheiro.

Heróicos, mas angustiados, preguntámos: — É a voz de prisão?

Não era: o Amaral vinha, como sempre — para nos abraçar!

E já, todos rindo, malhávamos no João Franco, e tomávamos o café com licores, quando nos entra pela porta dentro, de gola erguida, batendo os pés, clamoroso — quem? O António Maria Monteiro, dos Alhais, que acudia ao apêlo de guerra — pela quinta ou sexta vez... — alegre, intrépido, decidido sempre a morrer ou a vencer!

— Rapaziada, o concelho de Vila Nova de Paiva está à primeira! E o nosso homem está aí a chegar...

Era um primo — o capitão Monteiro, reformado, grande estratégico, que tambem não faltava nunca!

Apesar de tôda a confraternidade reinante, ali não cabiam dois capitães: e o José do Amaral, renovando os abraços, cada vez mais efusivos, despediu-se.

Mas ia caindo na escada, tropeçando num homem que subia, carregado por um grande fardo...

Acudimos; e foi o que valeu ao ajudante do general e ao homem do fardo, que iam ambos precipitar-se, sem poderem desenvencilhar-se um do outro.

Apenas retirou o carregador, o António Maria Monteiro — *o nosso velho*, como lhe chamávamos, pois, antes dos cinqüenta anos, tinha barba e cabelo brancos de neve — começou a desenfardar...

O que seria? O Perdigão trocava com êle miradas de entendimento: o Carlos de Lemos, o Pereira Vitorino e eu, na nossa suspicácia de conspiradores, desconfiávamos que seria o capitão Monteiro, o reformado, que, por ardil estratégico, se houvesse feito encaixotar, para entrar na praça de guerra sem darem conta dele. Primeiro, desligada a complicada rede de cordames, desembaraçou-se a manta de viagem do *nosso velho*, que cobria uma caixa comprida e profunda; vieram martelos e escopros: a faina durou talvez, vinte minutos... Até que reluziram os metais de cinco espingardas novas!

A uma por uma, cuidadosamente, o Monteiro as extraiu da caixa, acariciando-as, experimentando-lhe as fecharias, dando ao gatilho, piscando o olho, e as foi consignando: — esta é para o compadre Perdigão; esta para o Alberto Basto (que estava em casa, há dois dias, a redigir proclamações...); esta para o Silva Sequeira (o presidente do *Instituto Liberal*, verdadeiro centro dos sargentos...); esta cá para o dos Alhais: e esta ...

— Esta é para mim! — bradei.

António Maria Monteiro tinha posto a espingarda ao ombro, ria consoladamente, e replicou-me, num ar triunfal, de Páscoas:

— Não, esta não é para você — é para o Aquilino!

— Mas quem é êsse Aquilino?!

O espanto do Monteiro não foi menor do que o meu — o quê?!... pois não conhecia o Aquilino?!

Eu julguei que o *velho*, conhecedor da minha imperícia de tiro, para não perder uma boa arma no combate, estivesse inventando uma personagem mítica: sentia-me vexado.

E, então, o Perdigão e êle começaram a esclarecer-me:

— Aquilino é um jovem — dizia Perdigão...

— O jóvem dos jóvens — Apolo e Marte! — acrescentou o dos Alhais.

— Aquilino é um moço valoroso...

— O bravo dos bravos!

— Aquilino é um escritor...

— O maior de todos!

Então encarei, a fito, António Maria Monteiro:

— Capaz de escrever os *Lusíadas?*

— Sim, capaz de escrever, como ninguém, os *Lusíadas* da nossa Revolução — fique-o sabendo!

Tive de ceder a espingarda a Aquilino...

Mas onde estava êsse monstro?

Veio, depois, a dura invernia; a luta continuava; a refrega tornava-se séria, a valer; o capitão Amaral dava-nos menos abraços; o Chefe do Estado Maior mostrava-se mais reservado; os oficiais graduados já torciam caminho, para não nos cumprimentar; e até os sargentos só se atreviam a passar pela *Beira*, alta noite... Na capital rebentavam bombas!

A prisão de Aquilino, a sua fuga da esquadra do Caminho Novo, onde o vigiavam tôda a astúcia e tôda a fôrça da Ordem, pareceu-nos, lá do fundo da Província, alguma coisa de epopeia: e, pela primeira vez, eu acreditei, verdadeiramente, que Aquilino existisse!

Cólera e ódio desvairaram as almas; a tempestade bramiu, e a terra portuguêsa começou a encharcar-se em sangue e lágrimas...

* * *

Aquilino estava, agora, em França, e era correspondente d'*A Beira* em Paris...

Vejam se *A Beira* era ou não — um grande periódico!

Em 1910: entrára a primavera, era um domingo...

Carlos de Lemos apareceu em minha casa (eu morava na rua do Gonçalinho, saiba-o a História...) com um recado urgente: o nosso director (era o José Perdigão, parece-me que já disse) instava pelo artigo de fundo...

— Escreva-o você, Carlos, que tem escrito, tanta vez, todo o nosso jornal, sòsinho... Eu não trato agora de política. Se não estivesse, como estou, doente, sabe que escreveria? Sôbre o comêta: o comêta, creia, é um assunto bem mais interessante que o José Luciano...

Carlos é um anjo: e, como eu estava doente de cama, logo pegou da canêta, concitando-me:

— Então, dite lá...

Ditei; e, já a meio, dizia-me o meu escrevente:

— Mas como é que você sabe de astronomia?

Eu, sorrindo, matreiramente modesto, continuei a ditar...

E, ao fim, para cabeçalho: — *Entrevista do correspondente d'A BEIRA, em Paris, Aquilino Ribeiro, com o sábio*... Carlos, lembre lá um bom nome de sábio...

O querido amigo não acudiu à chamada, levemente enfadado, talvez, com a brincadeira; tomou de cima da mesa o livro que eu andava a lêr — *A família Polonieki*...

E eu continuei a ditar: — *com o sábio Pedro Polonieki, director do Observatório de Moscovo*...

Não se passára ainda uma semana, quando o Perdigão me apareceu, com um grande masso de jornais:

— Veja; ora veja: aqui estão o *Diário de Notícias*, *O Século*, *O Primeiro de Janeiro*, e todos os diários do país, que transcrevem a entrevista do *sábio Polonieki!*

Depois vieram os jornais da província, centenas... Alguns diários das grandes capitais europeias, referiam-se-lhe na sua primeira página! Os jornais do Brasil traziam grandes parangônas...

Em certa altura, apareceu-nos o dr. Ferrari (que era um médico abalizado, que fazia astronomia e tinha Observatório por conta própria, na sua quinta, à Meia Laranja): trazia-nos a *Revue Astronomique*, de Paris, que celebrava a entrevista do sábio russo com Aquilino. E não tardaram outras astronómicas gazetas a referir, com grande encómio, a teoria, a nova teoria — meu Deus! — de Polonieki...

Esta, na verdade — digo-o, sem vaidade — merecia-o: ela era inteiramente tranquilisadora; nenhum perigo corria a humanidade, ainda que surgissem comêtas ás duzias...

Aproximava-se o dia da passagem astral.

Aquilino Ribeiro

Claro que eu já não me lembrava da teoria; estava todo entregue aos artigos de fundo, ao José Luciano, ao Wenceslau de Lima e ao Veiga Beirão...

Mas, já restabelecido, no Rossio, na Cava, na Rua Direita, por tôda a parte que eu passasse, não ouvia falar senão do Polonieki e do Aquilino.

É certo que alguns confundiam-nos; na Rússia sucedia o mesmo: a *Revista Astronómica*, de Moscovo, dava a teoria como sendo do sábio português Aquilino, entrevistado pelo jornalista Polonieki!

Julgam que eu me ria? Pelo contrário: quanto mais se aproximava o comêta, mais me afundava em tristeza, abismado em conjècturas, assaltado por terríveis dúvidas.

A nossa Academia das Ciências mandou imprimir — julgo que com subsídio do govêrno — um milhão de papelinhos, em que a teoria do sábio estava sabiamente resumida, luminosamente concentrada, e em tal clareza, com tamanha evidência, que era necessário ser muito bronco para a não perceber; todos se deviam sentir, com um dêsses papelinhos no bolso, inteiramente satisfeitos...

Haveria no orbe um ser humano que não estivesse ainda suficientemente elucidado? Havia! Na noite de 10 de Maio de 1910, em que todos descansavam indiferentes já ao movimento do comêta, que se aproximava vertiginosamente da terra, alguem passou tôda a noite, em claro... Esse alguem fui eu — que inventára a teoria de Polonieki!

O céu enublara-se, mas não tanto que o luaceiro não entrasse, de quando em quando, pela janela estreita do meu quarto; e, sentado à borda da cama, hora a hora, minuto a minuto, ansiante, transido, espiei o céo, até ao romper do dia...

Se todos os sábios, afinal, fôssem tão sábios como eu — que nada sabia de comêtas, absolutamente nada!?

* * *

Nos princípios da República — estava sentado a uma mesa da Brasileira do Rossio, em conversa de amigos, que aliás não sabia quem eram (nos princípios da República sucedia isto muitas vezes...) — quando um dêles, um môço esbelto, forte e desempenado, me começou a falar d'*A Beira*, e do Perdigão, e do Carlos, e do Vitorino, e do Monteiro dos Alhais... Entretivémo-nos, assim, largo tempo, até que o môço foi-se à vida.

— Quem é? — preguntei ao mais próximo dos meus outros amigos, que, como já declarei, eu conhecia tanto como aquêle amigo que saíra.

— E' o Aquilino Ribeiro! Então você não o conhece? Acaba de regressar do exílio...

E àquela grande palavra — exílio — que tão alto prestígio derramava, enchi-me de confusão, e de tal forma que, por pouco, não respondi:

— Sim, senhor, agora caio em mim; é, de facto, Aquilino, o que entrevistou o sábio Polonieki, e que está decerto, escrevendo os *Lusíadas* do nosso Cinco de Outubro — que assim mo prognosticou o Monteiro dos Alhais...

Eis como eu conheci Aquilino Ribeiro, o grande escritor, que não publicara ainda o seu primeiro livro.

Lopes d'Oliveira.

Rosa orvalhada

A DANÇA, A MULHER E AS ROSAS

Non nova, sed nove

A dança, tal como ela deve ser encarada, constitui por assim dizer, o primeiro instinto e sentimento artístico da humanidade, sendo justamente por isso, que mais difícil se torna tirar da sua mímica sugestiva alguma coisa de novo e de original.

A dança, nos seus movimentos cadenciados e rítmicos, é a linguagem mais perfeita e de tradução mais fácil e por onde podem ser compreendidas tôdas as expressões da alegria, da dor, do amor, do ciúme e da loucura, por tôdas as raças e todos os povos.

A dança, em todos os seus gestos bizarros, em tôdas as suas poses langorosas ou sensuais, quando exibida ao som harmónico da música clássica ou moderna, coaduna-se ao ambiente em que é executada dando a idéa exacta que fala ao nosso espírito, como se os gestos e requebros fôssem letras por onde se lêsse todo um romance pausado por capítulos de atitudes.

Desde tempos imemoriais, que religiosamente dançando, alguns povos enviam suas orações fervorosas aos Deuses — preces espiritualmente sentidas por quem sofre ou por quem agradece a dádiva milagrosa.

A arte sublimada de dançar, é a arte de esculpir estatuetas feitas de carne em posições modeladas e plásticas idealizadas pelo espírito estético humano!

Jàmais artista algum, por mais talentoso que fôsse, conseguiu dar à obra elaborada a pincel, martelo, espátula ou cinzel, tôda a composição impressionante que nos revela um corpo dançando!

Só como a Natureza nos criou, ou das formas em que o corpo foi gerado é que nos poderá advir o pleno conhecimento da perfeição e sentimento artístico dum corpo humano dançando; podendo-nos provocar, tanto o riso esfusiante como a espontânea exaltação a que êle nos arrebata muitas vezes!

Pelo conjunto das atitudes rítmicas projectadas num corpo curvilínio de Mulher; pelo tom de luz por êle atraído nas voltas compassadas ou demoníacamente velozes da dança; pelo trejeito malicioso ou do gesto fatalista e obsecante que êsse corpo nos pode revelar; por êsses motivos todos conjugados: têm ruído tronos, ateado guerras, perpretado crimes e, tudo por causa da imposição dessa beleza fascinante que é um corpo de mulher dançando.

Como "mise en scéne„, a dança procura de preferência para seus cenários adequados, os quadros inspirados nas belezas naturais e, assim, vemos o papel preponderante, que por influência obram, as montanhas nevadas, o céu estrelado e o mar — e como motivos: os contos mitológicos e de fadas, de lendas e históricos, num ambiente de penumbra, de luz e de fôgo!

O sobrenatural e o místico, os animais e as flores na realidade misturam-se à dança, emprestando-lhe tôda a colaboração e realce; e assim, para terminar, reza um conto dum poeta que...

Jeová, quando desceu da altura dos ceus, na ponta duma nuvem doirada pelos raios solares que se precipitavam no Ocidente, depois de ter criado o Homem e vendo-o tão só e entristecido, não quis que mais um dia se passasse sem que a sua obra ficasse completa, deliberando portanto, tornar as agruras de viver de Adão em dias de alegria e, ao mesmo tempo de... intranqüilidade!

E para tal fim, ordenou que os arcanjos, anjos e querubins que o acompanhavam, lhe trouxessem do infinito, os aromas dispersos na atmosfera, a espuma branca e imaculada das ondas do mar, as côres sugestivas do arco-iris, e que tudo junto lhe deveria ser entregue numa concha de madrepérola.

Assim que a côrte celestial deu conta da incumbência, Deus — o inspirado escultor da Natureza — amassou aquela irisada e aromática substância fugidia, e entre hossanas, talhou o corpo maravilhoso da Mulher!

Em seguida, os seus lábios sagrados sopraram a vida que o havia de animar e, pegando em duas estrêlas, entalhou-as nas órbitas, emprestando-lhe assim a cintilação maliciosa do olhar!

No entanto — dizem — o Criador não ficára de todo contente com a sua obra, embora para a adornar, lhe fizesse dádiva dum pedaço do seu manto diáfano, que era a túnica transparente do pudor!

A mulher, a eterna coquete, ao som das trompetas dos arcanjos, começou de exercitar um vacilante passo de dança — e foi quando se deu a milagre que o Artista insatisfeito planeara...

...e um sorriso de triunfo assomou-lhe aos lábios, quando, — para preparar uma atmosfera perfumada que à mulher era indispensável — pegou nas limalhas que do seu corpo tinham sobrado e, num gesto largo, as espalhou como semente pela campina!

Então, a côrte dos ceus viu, com assombro que por cada passo candenciado de Eva, nascia uma roseira!

E parece-me que, de facto, foi das sobras dum corpo de mulher e amassadas pelos seus pés ao compasso duma oração musical, que nasceram e se criaram essas flores aveludadas e de vida efémera, que se chamam: Rosas.

Luiz Passos de Lima Guimarães.

A mulher e a dança

Actualidades da quinzena

Comemorando o centenário da Academia Politécnica do Porto, foram celebradas imponentes festas, dignas da muito nobre Capital do Norte que sempre soube fazer realçar as suas tradições gloriosas. Após várias visitas oficiais, o reitor da Universidade, acompanhado pelos directores das Faculdades, foi apresentar cumprimentos à Direcção da vetusta Companhia Geral dos Vinhos do Alto Douro, fundada pelo Marquês de Pombal, e à qual o ensino deve, no Porto, os mais inolvidáveis serviços

Numa imponente romagem ao monumento de Passos Manuel, os catedráticos e alunos da Universidade do Porto foram render um comovido preito de gratidão ao insigne estadista que foi também um glorioso e excelso benemérito da instrução pública. Após terem usado da palavra o reitor da Universidade, prof. dr. José Pereira Salgado, prof. dr. Américo Pires de Lima, prof. dr. Luiz de Pina e dr. Fernando Aroso, foi deposto um lindo ramo de flores no pedestal do monumento, perante o qual todos desfilaram em comovida homenagem

O reitor e os professores da Universidade do Porto em visita de cumprimentos à Associação Comercial que tantos e grandiosos benefícios tem espargido sôbre a sua querida cidade. — *Á direita:* Os médicos formados pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto, reünidos num grande almôço de confraternização. Ao cabo de tantos anos, ei-los ali reünidos, evocando um passado saüdoso em que fulgia a alegria da mocidade. Bem disse o Poeta que «recordar é viver». Se naquelas cabeças começa a notar-se a neve dos invernos, nos corações, ali reünidos tão fraternalmente, continua a pulsar a imutável afeição primaveril de outros tempos

A União dos Inválidos de Guerra prestou sentida homenagem aos seus sócios de honra com uma sessão solene na Sociedade de Geografia, seguindo-se um sarau de gala. A nossa gravura mostra um aspecto da sessão solene que foi presidida pelo sr. coronel Perry da Câmara, ladeado pelos srs. almirante Sarmento Saavedra e capitão José Caria, embaixador da Inglaterra e ministro da França e outras altas individualidades

O sr. dr. Alberto Mac-Bride usando da palavra na festa de evocação do antanho lisboeta promovida pelos amigos de Lisboa no «Leão de Ouro». Foi, em seguida, servida uma lauta ceia que foi intervalada com escolhidos números dos nossos mais queridos artistas teatrais, e com magníficos trechos de um sexteto. Lisboa, ao que parece, pode contar com estes amigos que muito a honram. As últimas manifestações mostram bem quanto se tem feito em pról da mais formosa cidade da Europa

A serra do Marão

NA PATRIA DE D. DENIZ

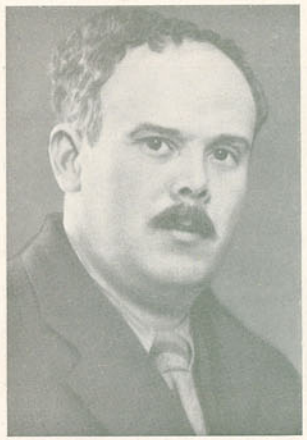
O nosso prodigioso esfôrço agrícola

ALÉM, no extremo norte, na zona continental, junto a Castela, defendidos da influência marítima e outrora defendidos da permanência dos árabes, pelas serras do Gerez, da Cabrela e do Marão, há um povo forte — o trasmontano — que tem nas veias muito sangue celta e muito sangue dos godos. Neles há algo da psicologia do germano, mas moldada pelos séculos à afabilidade comum a todos os portugueses.

Vêmo-los, no extremo norte da sua região — nas terras de Barroso — quási em regime comunitário, patriarcal.

Região de extensas propriedades baldias — bens de todos — onde os gados pastam e onde se cria a lenha que os aquece nos rigorosos invernos — cortadas aqui e além pelos pequenos campos de cultura que dão o centeio, e hoje também a batata. Aí se cria a admirável raça bovina — o barrosão — que vemos em todo o Minho lavrando a terra, dando algum leite de óptima qualidade e fornecendo carne sem nervos, dessa com que se deliciam as populações do norte, e nós — os do sul — quando até lá subimos, porque por cá, a que temos, é dura, sêca e reimosa.

É interessante contar como se conseguiu aperfeiçoar tão bem essa raça bovina, e como ela se mantém sem degenerescências.



Dr. Nuno de Gusmão

A moderna ciência zootécnica, que tão extraordinárias transformações tem conseguido fazer das mais diversas raças, desde a vaca holandesa da Frízia que chega a dar 40 e mesmo 50 litros de leite de composição equilibrada e com magníficas condições para a produção do queijo — o afamado flamengo; desde a pequenina vaca da ilha de Jersey que produz leite tão rico em gordura, que chegam 8 litros para darem 1 quilo de manteiga, quando do das nossas turinas ou holandesas são necessários 20 a 25, até à compacta quási cúbica Durham, em que a percentagem de ossos, em relação ao pêso total chegou a números inverosímeis, animais que são verdadeiras bolas de carne bem entremeados de gordura — e isto para só falar nas raças bovinas — essa ciência zooténica, adquirida nas escolas e criada nos grandes estabelecimentos de investigação científica, não entrou em Barroso.

A raça barrosã foi criada, e tem sido e continua a ser constantemente melhorada pelo esfôrço comunitário dos povos de Barroso.

Há, nas povoações do Barroso sempre uma praça com bancos dispostos em círculo.

Aí se sentam os homens-bons — os patriarcas — para tomarem decisões que são seguidas pelos do lugar.

É aí, nesse concílio, que se escolhe o bezerro que há-de ser o boi do povo, entre os diversos bezerros que a esta eliminatória final — como se diz hoje — conseguem chegar.

Escolhido o bezerro que há-de ser o boi da povo, logo êste passa a gozar de regalias máximas. Para êle são as melhores pastagens, todos à uma o desejam tratar com cuidados e desvelos, que são sempre representados pela mais fina forragem, e, assim, êste animal, que olhos experimentados distinguiram entre muitos, se cria nas melhores condições de alimentação e de higiene, pois sempre vagueia por onde quere.

Será êste o reprodutor, e a êle compete a perpetuação da sua raça.

Em tôrno do boi do povo algumas festas se fazem, entre as quais é interessante destacar as lutas entre os bois de povos vizinhos, que em geral terminam por verdadeiras lutas entre homens, sucedendo-se às armas do toiro, o bom varapau de freixo.

Mas, deixemos o Barroso e caminhemos para o sul — atravessando as terras frias de Trás-os-Montes onde nas encostas asperas e pedregosas dos xistos o agricultor rompe a pedra, friável e esboroadiça, para que lhe não falte o centeio, a batata e, nos vales mais frescos, o milho e as boas hortaliças e têm fama os de Chaves e Vilariça.

Na encosta e no planalto deixámos o castanheiro que com os seus frutos mais meúdos — a castanha que ficou da escôlha da que se destina para venda —, vai engordar os porcos, criados em chiqueiro, mas que, graças a êste complemento de engorda com castanha, darão os saborosíssimos presuntos e salpicões de Vinhais, de Bragança e de Chaves.

Chegamos à terra quente de Trás-os-Montes — são as encostas e os vales abrigados — com exposições sul, e, aí, cresce a amendoeira, a oliveira, a figueira e, nas terras mais pobres, o sobreiro.

E estamos no Douro em cujas vertentes, bem como nas dos seus afluentes, de boa exposição sul, e, subindo na encosta, mas não tanto que percam de vista a água dos rios, se encontram as vinhas que produzem êsse delicioso nectar — o vinho do Porto — de tão justa fama mundial, e que tão admiráveis qualidades reüne.

"Vinho mais para Deuses do que para Reis", lhe chamou Viala, grande conhecedor francês, no júri de classificação de vinhos da Exposição de 1900 em Paris.

Mas que esfôrço, que tenacidade, que energia representa essa cultura!

Quanto mais áspera é a montanha, melhor é o vinho. Só na terra feita pelo homem à custa de muito labutar — terra feita de pedras — terra que se agüenta na escarpa, por meio de muros sucessivos da mesma rocha feitos e tão estreitos, por vezes, que mal chegam para duas carreiras de cêpos e mesmo só para uma, só nessa terra — montanha transformada em escada de altos degraus — se cria a uva que produz o nectar.

E' trabalho de ciclópes, êste, da vinha do Douro...

Em nenhum país do mundo conheço esfôrço igual. Há, é certo, em muitas regiões. a cultura em socalcos, e mesmo da vinha. Vi-a, nas montanhas do Sul de Itália nas margens do Reno — mas, nem o "Lacrima Christi", do Vesúvio, nem o "Mozelle" e o "Joanissberg", do Reno, exigem esfôrço que se possa comparar ao do viticultor duriense, porque lá, as encostas são suaves e há terra feita.

Não posso, nem sequer tentar descrever o que representa de trabalho e de tenacidade, — a plantação de uma vinha no Douro, serviço êste que exige da vontade e do corpo um esfôrço quási inconcebível. E a êste esfôrço inicial seguem-se novos esforços: na cava, no transporte das caldas para o tratamento das videiras, no transporte — montanha acima, às costas de homem — dos cestos vendimos a abarrotar dessas uvas maravilhosas que levam sol transformado em aromas.

* * *

A montanha é quási sempre explorada pela floresta e pelas pastagens, mas em Portugal muitos se encontram dominados pela cultura agrícola, feita em precárias condições que bem demonstram o esfôrço, a tenacidade e o amor à terra do povo das aldeias do nosso país.

Acompanhai-me neste caminhar para o Sul, sem muito nos aproximarmos do mar, e logo vereis a que é a Beira Alta e a Beira Baixa, e de quanto é capaz o beirão. Rompe serras, cultivando o centeio no meio de rochas, em pontos quási inacessíveis e onde mal se divisam pequenas manchas de terra, algumas tão pequenas que mais parecem vasos colocados em alcantiladas penedias.

Um pouco mais para a zona central — onde a montanha diminui de aspereza, ou seja à medida que vamos caminhando para o mar — já as encostas são mais suaves e os vales se alargam e assim deixa as cumiadas e as altas encostas para os pinhais, e cultiva a meia encosta com a vinha, com a oliveira, com as árvores de fruto e no meio das árvores em cultura associada, já há bons campos de milho e de batata e alguns retalhos com trigo, ficando o centeio para as terras mais altas e mais pobres.

Nesta região se levantam as serras do Caramulo, do Buçaco e da Louzã, estendendo-se para o sul as serras do Montejunto, Candieiros e Sintra.

São férteis e fáceis de trabalhar as veigas dos rios, e as meias encostas, mas é duro o trabalho na serrania e assim aqui, onde já há mais terra boa, as encostas, salvo nos casos em que o calcáreo domina, cobrem-se de pinheiros que representam riqueza de monta em madeiras e resinas.

Deixemos a Beira Litoral porque por ela passaremos quando novamente tomarmos o rumo sul, pois não quero esquecer o verde Minho, dos prados, dos pinhais, dos campos e caminhos bordados de latadas e uveiras — (as videiras subindo pelas árvores) — e onde a terra é pouca para a população densa.

Aí, soube o nosso rural consociar as culturas e distribuir o aproveitamento da terra e aproveitar a água de tal forma, que conseguiu transformar fracas terras de granito — rocha que dá solos pobres — em fertilíssimos campos, de cultura intensiva, que sustentam uma população densa. Têm grão, têm carne, têm vinho, não lhe faltam hortaliças e frutos e abundam as lenhas e madeiras.

Aí, a serra dá a floresta e dá o mato que se transforma nas camas dos gados em estrume, com que se fertilizam os campos.

O vale do Corgo

Nos campos de cultura, desde o pequeno eido de poucos metros quadrados de maior extensão e nos caminhos, desde a estrada à verêda, mesmo nos bordos dos rios e riachos, vemos as videiras desenhando os seus limites e o lugar por onde passam. Assim se aproveitam as muitas divisões da terra, e os muitos caminhos, a que a grande pulverização da propriedade e da exploração agrícola naturalmente deu origem.

E, aqui, trepando a vinha para árvores que engrinalda, mais além, em bardos que são paredes verticais ou em latadas, que aproveitam o espaço dos caminhos ou dos cursos de água, ensombreando-os, se produz o vinho verde que constitui uma das principais riquezas desta região e que tão apreciado é, mesmo pelos que não são minhotos, quando o tempo corre quente.

Pena é que cá no sul não seja vendido por preço que nos permitisse com êle dessedentarmo-nos em vez de o fazermos com a cerveja que é feita com a cevada e o lúpulo que nos vem de países estranhos, tendo só a água, como elemento da produção nacional...

No campo, se é baixo e se pode limar — isto é, se durante o inverno e verão pode ser irrigado, — temos de inverno e primavera o prado de lima que dá fartura para o gado e no verão e outono o milho, que dá fartura ao homem e ao gado.

Nos campos de sequeiro cultiva-se o prado e o milho, a batata, o trigo, a aveia, o centeio e ainda se aproveitam os restevas para milho, trevo, nabos, etc.

E' a cultura intensiva e que hoje já vai empregando os adubos químicos e modernos utensílios agrícolas que permitem semear e sachar as culturas, feitas em linhas paralelas. E' interessante frizar que de tôda esta maquinaria que se importava da América, da França, da Alemanha, etc., já hoje há construtores engenhosos, que são simples ferreiros e serralheiros.

Com o "facies" da agricultura minhota, mas sendo a vinha de enforcado e a latada substituidas pelo bardo, já mais baixo, se apresenta o Douro Litoral, onde a intensificação da cultura chega aos máximos do nosso país — na região da Maia.

Daí para o Sul, na faixa litoral, a terra é plana e fácil de trabalhar. Em geral, são terrenos pobres, salvo nos aluviões dos rios, como o Mondego e o Liz, mas lá vão produzindo, graças à boa consociação da exploração agrícola com a pecuária, sendo os terrenos mais pobres aproveitados pelo pinheiro.

...São tão variadas as condições de clima e de terra em Portugal que muito difícil seria fazer uma apreciação em conjunto sôbre o seu esfôrço agrícola.

.....

Desde o pastor — guerreiro lusitano que nos Montes Hermínios, pastoreando as suas ovelhas, como o faz hoje o serrano da Estrêla, em regime de transumância — no verão, na serra, e no inverno, quando a neve a cobre, como agora, nos vales da Beira Central — até ao mouro dos Algarves que hoje, como há 500 anos, cultiva a amendoeira e a laranjeira, e venera, como todo o português, a árvore de Minerva — a oliveira da paz, que variedade de psicologias, que diversidade de feitios, que complexo conjunto de folclores, de vestuário, de aptidões!...

Nuno de Gusmão.

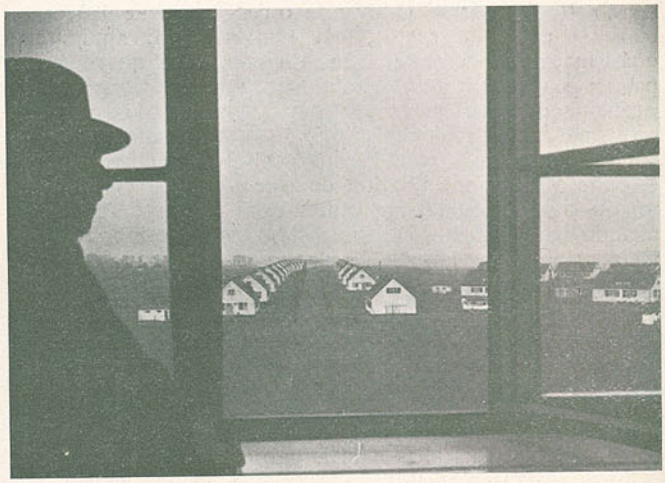
O boi barrosão

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

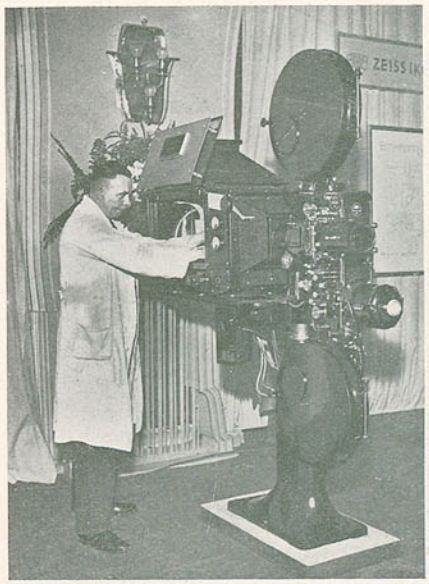
O ministro do Reich, Rust, vendendo autógrafos, pelas ruas de Berlim, em proveito da «Obra de Socorro de Inverno» que alcançou uma extraordinária expansão. Felizmente ainda se observa que as acções benfazejas vão tendo, dia a dia, alguma originalidade

DAME MAY WHITTY mostrando a Robert Montgomery e Rosalind Russell as valiosas condecorações que recebeu do rei Jorge V. Isto poderá servir de incentivo aos dois jovens artistas que com ela entram num novo filme da Metro-Goldwin-Mayer prestes a ser exibido

A ânsia filatélica não tem limites, aproveitando tôdas as oportunidades para trocar selos de correio. A nossa gravura mostra uma reünião na séde da Frente Operária Alemã tendo por único fim trocar os exemplares que cada um tivesse em duplicado



Os mutilados da guerra têm já um bairro próprio nos arredores de Berlim. A cada casa pertence um pequeno terreno, cuja produção dá ao seu proprietário parte dos viveres de que necessita para a sua família. A nossa gravura mostra a colónia vista da escola



UMA das mais modernas máquinas de filme sonoro, provida, de uma via de tom rotativa e de impulsão de frente

ASCENÇÃO do globo «Hermann Göring» por ocasião das festas em proveito da «Obra de Socorro de Inverno» em Berlim

MÁQUINA aperfeiçoadíssima de apostar nas corridas de cavalos, visto que tudo se faz em menos tempo do que leva a dizê-lo

O ÚLTIMO AUTÓGRAFO DE CARLOTA CORDAY

No último leilão efectuado no salão Sotheby, de Londres, foi vivamente disputado o último autógrafo de Carlota Corday dirigido ao girondino Le Doulcet de Pontécoulant que se recusara a defender a jovem assassina de Marat perante o tribunal revolucionário.

Êste documento, escrito nervosamente na hora suprema, é um desabafo tremendo atirado por uma corajosa mulher às faces aterradas dum pusilánime.

Tem a data de 17 de Julho de 1793 e contém apenas uma dúzia de linhas que são outras tantas punhaladas.

O cidadão Doulcet de Pontécoulant é um cobarde que se recusou a defender-me, quando isso lhe seria tão fácil. Aquêle que me defendeu, fê-lo com a maior dignidade possível. Conservarei o meu reconhecimento até o derradeiro momento.

Marie de Corday

Êste Pontécoulant que, rastejando sempre ante tôdas as situações, fôra elevado à categoria de conde, não tinha sido apanhado desprevenido pela Revolução.

Quando a corajosa Carlota Corday foi conduzida ao tribunal, nomearam-lhe como defensor oficioso o tal Pontécoulant que, receando o odioso que uma tal defesa lhe poderia acarretar, se recusou miseravelmente. Que lhe importava a triste situação da sua correligionária, se o único fim que visava era aconchegar-se bem, quer mandasse Marat ou Robespierre?

Nem por isso Carlota Corday ficou sem defensor. Apresentou-se o advogado Chaveau-Lagarde que, com o maior desassombro, elaborou a defesa dessa mulher que assassinara Marat — o ídolo do povo. A desventurada estava condenada de antemão, como seria de prevêr, mas o defensor não desanimou na sua nobre missão, tentando, tanto quanto foi possível, salvar-lhe a linda cabeça do cadafalso.

Carlota Corday no cadafalso

A sentença, pouco depois, ribombava no tribunal, inexorável, terrível!

Carlota Corday seria guilhotinada!

Meses depois, o mesmo Chaveau-Lagarde voltava ao tribunal a enfrentar os sinistros juízes, na defesa de outra mulher não menos desventurada — a rainha Maria Antonieta.

Carlota Corday não se mostrou surpreendida com a terrível sentença. Esperava-a. Desejando deixar ficar uma recordação da sua passagem por êste mundo, solicitou autorização para ser retratada pelo pintor Hauer que se dignaria ir à sua prisão. Teria tempo? O dia da execução ainda não havia sido marcado, atendendo ao imenso trabalho dos carrascos...

Foi precisamente na altura em que o pintor dava os últimos toques no retrato, que entrou na prisão o apavorante Fouquier a declarar-lhe que havia soado a hora de expiar o seu crime.

A condenada não se alterou ante a aproximação do sinistro funcionário. Esboçou um sorriso, e disse-lhe:

— Estou pronta, cidadão. Dá-me licença, no entanto, para escrever a minha última vontade.

E, lançando mão da pena, escreveu as linhas que acima reproduzimos:

O cidadão Doulcet de Pontécoulant é um cobarde...

Depois, dobrando o papel com a maior calma, entregou-o a Fouquier, e recomendou:

— Desejaria que esta declaração chegasse ao seu destino!

— Fica descansada, cidadã. O teu desejo será satisfeito.

Com efeito, três dias depois, a declaração era publicada no *Moniteur*. Assim, todos poderiam ter conhecimento da exautoração do mísero cobardola que, a ter recebido a carta, em mão, se limitaria a conservá-la confidêncial.

Pouco depois, sendo alvo de várias acusações, foi refugiar-se em casa de Madame Lejay que dispunha de certa influência, chegando a prometer-lhe casamento, se o salvasse.

Carlota Corday

O casamento efectuou-se, seguindo-se, a breve trecho, o Thermidor que fez caír Robespierre. Transformado em capacho de Barras, retomou o seu lugar na Convenção e fez parte do Comité de Salvação Pública. Quando Bonaparte deu o golpe do 18 Brumário, adaptou-se mais uma vez, conquistando vários cargos chorudos. Senador em 1802, organizou as cohortes activas da guarda-nacional no Franco-Condado. Em 1814 conseguiu fazer parte do Govêrno Provisório, sendo eleito, pouco depois, par de França com a primeira Restauração. Como acabaria? Como poderia calcular-se: surgindo a segunda Restauração, aderiu à monarquia, sendo perdoado fàcilmente pelos novos governantes que, mais uma vez, se enganaram com êle.

A quem êle não enganou foi a Carlota Corday que, na hora suprema, o marcara a fogo na face estanhada:

O cidadão Doulcet de Pontécoulant é um cobarde...

Neste mesmo leilão foram vendidas 539 cartas de Napoleão escritas ao Conde Mollien que, tendo sido ministro do Tesouro, foi um dos mais hábeis financeiros do seu tempo.

A Mollien se deve o famoso decreto de 16 de Julho de 1806 que, na opinião do Imperador, "assegurou a libertação do Tesouro", instituindo uma caixa de serviço alimentada pelos depósitos dos recebedores gerais, em conta corrente. Calcula-se, portanto, a consideração que o grande financeiro merecia a Napoleão, não obstante ter servido Luiz XVI com o maior zêlo e dedicação.

A rainha D. Catarina de Austria — retrato por Cristovão Lopes

NO TEMPO DAS

O nosso velho

que Jean Nicot veio

Nem sempre as grandes modas vieram dessa orgulhosa França que várias vezes nos tem imitado sem indicar, ao menos, como seria de justiça, a verdadeira orígem da novidade adoptada.

Não aludiremos ao tão apregoado invento dos irmãos Montgolfier que, construindo o seu aparelho voador, nada mais fizeram do que aproveitar-se das teorias do nosso padre Bartolomeu de Gusmão tão divulgadas pela imprensa mundial de então.

Muito menos queremos falar no *nosso* vinho do Porto que se *fabrica* para além dos Pireneus, e derranca o estômago dos confiantes e ingénuos apreciadores do inimitável nectar durience. Basta-nos citar a fama que envolve Jean Nicot como descobridor do tabaco... que os portugueses estavam fartos de fumar havia quási um século!

Ora, a pomposa exposição inaugurada, ha dias, no Museu Galliera, de Paris, veio dar-nos, mais uma vez, uma idéa muito aproximada da maneira francesa de fazer celebridades. Este bizarro certame, aliás bem organizado, ressentindo-se daquele *savoir faire* de que só os parisienses conhecem o segrêdo, tinha por título: "O tabaco — a arte e a curiosidade".

Uma verdadeira apoteose ao tal senhor Nicot que, no fim de contas, não passaria dum apagado ornamento diplomático do século XVI, se não fôsse a gentileza que teve para com a sua rainha, enviando-lhe alguns botes de rapé!

Nicot, o grande Nicot, o genial descobridor do tabaco! Assim disfarçado com tão espaventoso rótulo, o pobre Nicot não poderia esquivar-se a passar por uma autêntica e comprovada glória com todos os seus pertences e regalias!

Pensando bem — como tudo isto é triste!

O nome de Jean Nicot atingiu tal popularidade e foi citado com tal respeito que só a um grande sábio seria lícito consagrar... Pois teve sem o menor esforço essa consideração que, durante tantos anos, a mesma França se recusou a ter pelo seu excelso Pasteur!

O tabaco apareceu nessa exposição, realizada ha dias em Paris, com a sua folha corrida em ordem, tomando o pomposo título de "herbe de Nicot".

Eis o caso:

Quando, em 1559, Jean Nicot, apesar da sua humildade de nascimento, pois era filho de um pobre notário de Nimes, conseguiu ser enviado como embaixador da França junto da côrte de Portugal, mal calcularia que a sua celebridade estava vicejando nos jardins de Lisboa como qualquer macisso de mangerona. Era já o senhor de Villemain, e por êste título gostava de ser tratado.

Certo dia, passando por um dos nossos jardins, ouviu fazer curiosas referências a certa planta que, no dizer dos entendidos, tinha grandes virtudes terapêuticas. Era o tabaco.

Pedindo mais largos esclarecimentos, eis o que o diplomata francês conseguiu saber:

Em 1492, quando Cristóvão Colombo aportou em Cuba, viu com surpresa que os indígenas aspiravam com prazer o fumo de um rôlo de fôlhas sêcas acêso numa das extremidades. Curioso como era, quiz experimentar, sendo imitado por toda a tripulação. Foi assim que o tabaco chegou à Península Ibérica, onde não tardou a criar foros de pronto alívio para todas as enfermidades. Não havia dôr de dentes, indisposição de estômago, constipação, nevralgia, enfim tudo o que pudesse atormentar o físico, que não fôsse aplicado o tabaco como cura infalível e radical.

O embaixador Nicot estava maravilhado. Pediu alguns pés dessa planta milagrosa que fez plantar no jardim da embaixada.

Foi, pois, nesse belo ano de 1560, reinando em França uma Catarina e em Portugal outra Catarina não menos activa e astuciosa, que o embaixador Nicot, sugestionado pelas crendices da época, mandou alguns pacotes de rapé à sua rainha que sofria de enxaquecas. Salientou-lhe que, movido pelo seu zêlo de subdito fiel e dedicado, tomava a liberdade de enviar à sua soberana essa planta miraculosa que era conhecida, além do nome de tabaco, por *erva santa* e *panaceia antártica*. Enviava-a moída, na certeza de que iria dar grande alívio aos males da rainha, sua ama.

O espanto em Paris foi geral, e, no entanto, já setenta anos antes, o tabaco era conhecido, fumado e cheirado em Portugal!

Dentro em pouco, a França, assombrada diante da perfumada planta, passou a chamar-lhe os mais disparatados nomes: *mediceia*, *erva da rainha*, *erva do embaixador*, *nicotiana*, e outros de idêntico calibre.

Nicot estava proclamado o descobridor do tabaco!

O mais interessante é que, pouco mais ou menos nesta altura, aparece um outro descobridor do tabaco — um tal André Thevet — alegando ter descoberto, dois anos antes, a famosa planta no Brasil. E relatava com tôda a imponência que lhe conferia o alto cargo de geógrafo do rei, que, indo ao Brasil em 1558, acompanhado pelo almirante Villegaignon, vira ali a planta mágica que logo transportou para a França. Nessa altura, ainda Nicot não tinha chegado a Lisboa e desconhecia por completo, como seria de calcular, o que vinha a ser tabaco.

A-pesar-da celebridade que o grande poeta Ronsard deu a êste Thevet, não deixa de ser ridícula a ostentação que êste manifesta por ter descoberto que os portugueses cultivavam a planta do tabaco no Brasil, quando êsse cultivo era feito à vista de tôda a gente!

O tabaco triunfava na França estrondosamente.

Tempos depois, esta apologia foi seguida de uma reacção violenta. Luiz XIII proïbiu a venda do tabaco em França; na Inglaterra, Jaime I fez publicar leis severíssimas contra os fumadores que o papa Urbano VIII excomungára.

Após esta perseguição tenaz, vieram dias de calma.

Afinal, a industrialização do tabaco em França fez-se em pleno período napoleónico, originada por uma dama que dava nas vistas pelo seu luxo extraordinário.

Uma noite, num baile dado pelo imperador por ocasião do seu casamento com Maria Luiza, chamou a atenção de todos os convidados uma senhora luxuosamente vestida e coberta de diamantes e outras joias de inestimável valor.

Quando Napoleão quis saber a causa de tantas riquezas, e lhe disseram que tal senhora era casada com um fabricante de cigarros, exclamou:

— Mas para manter um tão exagerado luxo, é preciso ser muito rico.

— É riquíssimo, sire — responderam-lhe — a indústria do tabaco dá-lhe rios de dinheiro.

— Nêsse caso — observou Napoleão — se uma tão proveitosa indústria constitui uma grande fonte de receita, porque não há de o Estado chamá-la a si?

Pouco depois, era assinado um decreto, estabelecendo o monopólio do tabaco em tôda a França, por conta do Estado.

E foi então, verdadeiramente, que a França descobriu o tabaco, ou, pelo menos, o que a perfumada planta lhe poderia render — que era o essencial. Mas se os franceses chegam a supôr que o nosso rei D. Deniz, ao criar a Ordem de Cristo, em 1318, plagiou e Legião de Honra que Napoleão inventou cinco séculos depois, não admiraria que Jean Nicot descobrisse o tabaco que Cristovão Colombo, muito antes, fôra aprender a fumar à ilha de Cuba. E não nos causaria espanto que, amanhã, se dissesse que o mesmo Nicot, tendo cultivado o tabaco no seu quintal lisboeta, tais artes tivera, que conseguiu obter plantas, dando já cigarros feitos, *bout dorè* ou *rouge*, devidamente empacotados...

Lisboa do Século XVI

DUAS CATARINAS

amigo Tabaco

descobrir em Lisboa!

Catarina de Medicis

Cristovão Colombo

Santa Teresa

A mão de Santa Teresa

e o motivo que a trouxe a Portugal

A famosa mão de Santa Teresa de Ávila, roubada pelos marxistas de Ronda, por ocasião da eclosão da guerra civil que ainda ensangüenta o país vizinho, volta a dar que falar, visto ter sido encontrada pelas tropas nacionalistas após a tomada de Málaga.

Houve até quem preguntasse já se a preciosa relíquia seria restituida a Portugal, pois que a Portugal pertence por solene declaração da própria fundadora das Carmelitas Descalças.

Assim deveria ser por direito e razão, embora tão cativante legado não possa agradar nunca ao nosso sentimento patriótico,

É que essa mão, mirradinha pela acção de três séculos e meio, não pode ter para nós, portugueses, o mesmo significado do coração que o nosso D. Pedro IV tão generosamente ofereceu à cidade do Pôrto.

Aquela mão vem lembrar-nos a penosa época do jugo felipino, e até a intenção hispanófila com que êsse legado foi feito.

Dizem as crónicas que Santa Teresa, encontrando-se em Toledo, previra a trágica jornada do rei D. Sebastião a Alcacer-Quibir, e, conseqüentemente, tôdas as calamidades que daí advieram à Nação Portuguesa.

Isso mesmo previu o sombrio Felipe II que, no tresloucado sonho do rei português, encontrava, enfim, a melhor maneira de alargar os seus domínios até à margem do Atlântico.

Na opinião de Santa Teresa, o rei Felipe II foi o Anjo da Guarda das fundações carmelitas instituidas por ela. Frei Pedro da Anunciação, anotando as cartas da monja de Ávila, diz com a maior clareza:

...Y se fué el Rey, tuvo mucha razon en llamarlo Angel, solo porque los Reyes son Angeles de sus Reynos, como dize San Gregorio, sino porque su Magestad fúe el Angel de Guarda de nuestra Reforma, a quien Dios encomendó su tutela, mandando á la Santa, que acudiesem los Descalços à el, y en todo le hallarian como Padre».

É sabido ainda que, tendo Santa Teresa uma admirável visão da Santíssima Trindade — ela própria o relata em carta a um dos seus confessores — ordenou a um artista que fixasse na tela a imagem, consoante as suas indicações, chegando a emendar por sua mão quando o pintor não acertava.

Pois esta imagem serviu de amuleto ao Duque de Alba quando invadiu a nossa Pátria!

Frei Pedro da Anunciação, referindo-se à imagem, diz que a "traia este Gran Capitan en su pecho, para consuelo suyo, y eran sus principales Armas con que entraba en las batallas: y dezia que esta Santa Imagen le avia enseñado a tener Oracion mental entre el ruido de las armas, y que por ella avia acertado a ganar el Reyno de Portugal».

Ora, segundo a "Crónica dos Carmelitas Descalços», de Frei Belchior de Santa Ana e a "História del Carmen Delcalzo», do P.e Silverio de Santa Teresa, a Câmara de Lisboa e a nobreza haviam pedido a vinda das Carmelitas para Portugal. Lembremo-nos, no entanto, que isto se passava em 1584, reinando em Portugal o soberano espanhol Felipe II.

Compreende-se o interêsse que a Espanha teria em mandar-nos as suas religiosas como fontes de propaganda hispanófila...

Por sua vez, tanto a Câmara de Lisboa, constituida pelos vários Migueis de Vasconcelos que sempre aparecem, como a nobreza formada pelo refugo da que não soube caír bravamente nos areais mouriscos, limitavam-se a fazer por agradar o mais possível ao usurpador.

Ante o tal ardente apêlo da nobreza que então rodeava a côrte do jovem cardial-arquiduque Alberto, sobrinho de Felipe II, a monja de Ávila declarou que "lhe sobrevieram grandes desejos de ir fundar alguma casas do seu Carmelo reformado, naquele Reino, pois lhe parecia que resultaria disso grande glória de Deus, e aumento da religião com os *sujetos* portugueses que se lhe representavam tão bons, e inclinados à virtude».

E acrescentava:

"Pedi a Sua Divina Majestade, com a maior instância que pude, que fizesse esta mercê. E, dia da Assunção da Raínha dos Anjos, me disse o Senhor: Tu, filha, não irás a Portugal fundar casas da tua reforma, mas irão tuas filhas, e teus filhos, porque quero aumentado o número dos bons religiosos, que há naquele Reino, com os teus, que cresça o motivo de eu suspender o castigo que lhe dei, e usar de misericórdia com êle. Também será levada a êle tua mão esquerda, que lhe quero dar a mão de uma tão amada esposa, para o levantar da miséria em que estará caído e restituí-lo às felicidades antigas, e dar-lhe um penhor de outras avantajadas».

Por certo que as "prometidas felicidades antigas» visionadas pela santa espanhola para Portugal não podiam constar da restauração da independência dêste País, mas tão sòmente da confirmação das doiradas promessas que a argúcia prudente de Felipe II nos atirára.

Filipe II

Decorridos nove meses sôbre o falecimento de Santa Teresa, procedeu-se à exumação do cadáver que foi encontrado intacto e apenas coberto por uma ténue camada de bolor, acrescentando a lenda que escorria bâlsamos perfumosos. Foi então que Frei Graciano amputou a mão esquerda à santa, na intenção de a trazer para Portugal.

Por sua vez, o Padre Provincial manifestou desejo de que a relíquia fôsse confiada ás freiras de S. José em Ávila, que nisso faziam o maior empenho. As religiosas de Alba de Tormes, tendo a mesma aspiração, travaram tão acêsa disputa que deixaram atordoado o pobre Padre Provincial.

Entretanto, frei Graciano, sempre fiel ao seu compromisso, tomou o rumo de Lisboa, onde chegou no ano de 1585, sendo portador da mão da santa.

Tendo-se recolhido no mosteiro de S. Felipe, mostrou a relíquia aos religiosos que, maravilhados, pretenderam ficar seus possuidores. A isto se opôs o frade, alegando que a relíquia só poderia ficar em poder das religiosas carmelitas suas vizinhas, a-fim-de serem cumpridas fielmente as disposições da santa.

Eis como Frei Jerónimo Graciano de la Madre de Dios relata os meios de que se serviu para conseguir e mão da monja de Ávila:

"...Eu então cortei do dito corpo a mão esquerda, a qual trazia comigo em uma arquinha de papéis, donde manava como um azeite, que manchava os papéis e panos em que estava envolta. Depois a pus em um cofrezinho, juntamente com a chave do sepulcro, em que deixei o corpo melhor acomodado, e dei a guardar o cofrezinho, fechado com chave, ás Monjas do Mosteiro de Ávila, com intento, que se o corpo não fosse para Ávila, gozassem elas da mão, e se fosse levado a Ávila, tornasse eu a tomá-la».

Após uma extensa relação de prodígios a que assistiu, o frade continua assim a sua digressão:

"...Passei por Ávila, e pedi o cofrezinho, para tirar a chave que ali estava e tirei juntamente a mão, a qual achei cheirosa, e que havia enchido de azeite tôdas as sedas em que estava envolta, e a trouxe para Portugal, depositando-a no mosteiro de Santo Alberto dos Carmelitas Descalços desta cidade de Lisboa, e um dêdo meminho que dela falta se cortou para mandar a nosso Padre Provincial Frei Nicolau de Jesus Maria. E por esta mão tem feito Nosso Senhor algumas maravilhas no Mosteiro de Santo Alberto. Em fé do qual dei esta firmada de meu nome, e selada com o sêlo de nosso ofício, dos Carmelitas Descalços de Lisboa a doze dias do mês de Março de 1587 anos».

Quando da implantação da República em Portugal, as religiosas de Santo Alberto seguiram para Espanha, levando a relíquia. Tendo sido postas em comunidade em Ronda, ali se conservaram em sossêgo até Julho do ano findo. Foi então assaltado o convento e roubada a relíquia.

As freiras fôram repatriadas, mas a mão da santa ficou...

Diz-se que a relíquia foi encontrada pelos nacionalistas que saberão livrá-la de profanações sacrilegas.

Assim seja!

Todos os bons espanhois devem manter o mais fervoroso culto pela mística doutora do Carmelo, que, tendo sido uma grande propagadora da fé, mostrou ser também uma estrénua colaboradora do grande rei que os espanhois tiveram para engrandecimento da sua pátria, e que tão nefasto se mostrou para Portugal.

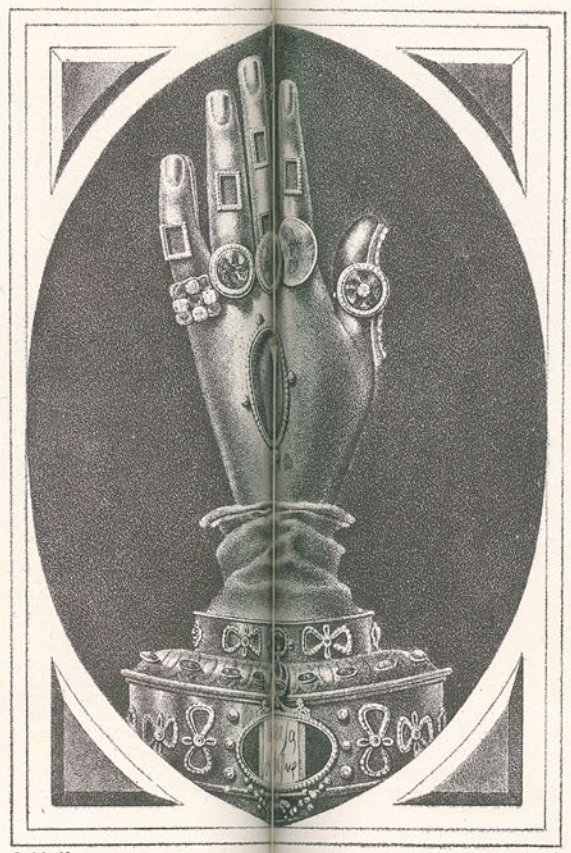
Portanto, a mão de Santa Teresa, embora nos abençoi, há de ter sempre, como seria de calcular, uma certa preferência para os espanhois.

Que a veneranda relíquia seja pertença das Carmelitas, estejam elas onde estiverem, bem está. Será até a mais cativante prova de culto que as monjas podem manifestar pela gloriosa instituidora da sua Ordem. Mas pertença de Portugal, é que não. Um tal legado viria lembrar-nos certamente a pesada mão de Felipe II.

Portugal é livre!

E, sendo berço de grandes santos como Santo António e S. João de Deus, está suficientemente protegido.

Gomes Monteiro.



MÃO DA NOSSA MAE STHEREZA DE JEZUS.
Que se venera dentro do convento das Religiosas Carmelitas Descalças de S. Alberto de Lisboa.

Retrato da Sr.ª D. Maria E. Santos Menano, por João Reis

A 34.ª Exposição da S. N. de Belas Artes

e a corajosa persistência dos artistas portugueses

Foi inaugurada a 34.ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes que se divide nas seguintes secções: pintura a óleo, aguarela, desenho, pastel, fresco e escultura. Ao todo, 307 produções artísticas.

Isto prova a tenacidade dos nossos artistas que, não conseguindo vender, vão comprando telas e tintas, esperançados em melhores dias. Seguem ao que parece, o exemplo do persistente Palissy, excelso criador da cerâmica em França em pleno século XVI muito semelhante, pelos modos, a êste em que vivemos. Não tendo quem lhe fiasse lenha para o seu forno de ceramista, queimou os móveis da sua casa, queimou as portas, queimou as janelas, queimaria o soalho e as próprias vigas do tecto, para não deixar apagar o fogo sagrado que deveria dar os maravilhosos esmaltes há tanto tempo visionados. E triunfou!

Hoje, em dia, os pintores e escultores não contam com o auxílio do público, não obstante êsse mesmo público afluír em massa a admirar as exposições. Extasia-se ante as produções artísticas, rende-lhe elogios, mas, quanto a comprar para auxiliar o artista é que ninguém se resolve.

Por outro lado, aparecem uns críticos que, entram a dizer mal sem mesmo saberem distinguir um óleo de um pastel ou uma aguarela de um baixo relêvo. Dizem mal porque todos disseram bem, e quanto maior fôr o artista, mais notado se tornará o seu arrojo.

Felizmente não é por isso que o público se abstem de comprar, e assim os nossos artistas persistem na sua cruzada, não hasteando o pendão arrogante dos vencedores, mas caminhando penosamente sôb o peso da sua cruz. Resta-lhes a esperança de que não irão ao Calvário, pois que, além do outeiro eriçado de silvas e giestas, há de sorrir-lhes, por fim, a Terra da Promissão.

Cristo na ceia com Pedro e João — de Portela Junior

O vestido romântico — por Joaquim Lopes

O sr. Presidente da República visitando a Exposição

Nesta Exposição fulge o "Efeito do Sol", de Mestre Veloso Salgado que dá o exemplo da tenacidade a tantos novos nêste período agudo que atravessámos. João Reis expõe um belo retrato de senhora em que a tonalidade e a roupagem são um verdadeiro encanto. Seguem-se "O vestido romântico" por Joaquim Lopes, o "Cristo na ceia", por Portela Junior, o "Retrato de minha filha", por Albertino Guimarães, a "Lição de cantochão na Sé de Viseu", por José de Almeida e Silva, um retrato de senhora por José Campas, trabalhos de Albino Costa, Silva Lino, Maria Luísa Reis, Túlio Vitorino, João Pedro Veiga, Pereira dos Santos, José Joaquim Ramos, Eduardo Romero, Maltieira, Eduarda Lapa e Gabriel Constante.

Na aguarela salientam-se, como seria de calcular, os trabalhos de Alfredo Morais e de Martins Barata. Mário Costa, João Marques e Carlos Pinto Ramos, mostram também o seu grande merecimento.

Nos desenhos, não podemos deixar de aludir aos que Eduardo Malta, Alvaro Duarte de Almeida e Joaquim dos Santos assinam.

Finalmente, na escultura, são dignos de vêr-se os baixos relevos decorativos de Canto da Maia e os trabalhos de Sampaio e Melo, António Duarte, Anjos Teixeira, (filho) Delfim Maia e Raúl Xavier.

Como poderiamos nós, nêste curto espaço, fazer referência digna a cada uma das 307 obras expostas vistas de relance numa curta visita de meia hora?

Ficámos com a primeira impressão — que é, no fim de contas, a melhor — e é sob a sua influência que escrevemos as linhas que aí ficam.

Lição de cantochão na Sé de Viseu — que o pintor José de Almeida e Silva apresenta nesta 34.ª Exposição das Belas Artes

Retrato de minha filha — de Albertino Guimarães

Retrato de Madame Mario Carmona — por José Campas

Os expositores com a Direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes

HUMORISMO

Em certa repartição, dois funcionários descompõem-se ferozmente:

— Você é o maior asno que eu conheço! — berra um.

— E você? — brama o outro — haverá no mundo alguem mais idiota?

O chefe, intervindo:

— Então, meus senhores, esquecem-se de que eu estou aqui?

■

No final de um concerto sinfónico, sendo preguntado a um crítico abalisadíssimo que tal achára a pianista, aquêle respondeu:

— Estive todo o tempo absorto num profundo pensamento, considerando que, afinal, ser surdo não é um infortúnio tão grande como parece.

— Preciso falar já ao sr. dr.
— E' impossível. Está, neste momento, numa conferência de grande responsabilidade.
— Diga-lhe que está aqui a sua noiva.
— Mais impossível ainaa. Sou a mulher dêle.

■

Dois casadinhos de fresco adoeceram gravemente.

A criada, muito afeiçoada aos dois, lamuriava ás visitas que vinham saber do estado dos enfermos.

— Coitados! estou a vêr que ficam ambos viuvos no fim de três meses de casados.

■

Entre médicos:

— Estou desiludido, acredita... Confesso-te que já não me importo nada com a vida...

— Dos teus doentes, deves acrescentar, rematou o outro.

■

Um regedor dos arredores de Lisboa, vindo com a filha a Lisboa, meteu-se num elétrico. Comodamente instalado, começou a tirar fumaças do seu enorme cachimbo. O condutor avisou-o de que era proïbido fumar, mostrando-lhe o letreiro bem explícito nesse sentido.

O nosso homem obedeceu prontamente, pedindo desculpa da falta em que involuntariamente incorrera.

Quando o condutor se afastou, a filha, espantada com obediência do pai, preguntou-lhe, em ar de recriminação:

— O' pai, porque não lhe disse que era regedor?!...

■

No páteo do quartel, o sargento para o soldado miliciano:

— Na sua idade, ainda não saber pegar numa vassoura! Que profissão é a sua no civil?

— Sou advogado, meu sargento!

— Pois olhe que o seu tribunal deve estar aceado!

■

A mulher de um beberrão tenta em vão levá-lo ao bom caminho:

— O' homem, olha que a aguardente dá cabo de ti.

— Enganas-te, mulher, eu é que já dei cabo dela!

E mostrava a garrafa vazia.

■

O oficial de inspecção, andando a rondar o quartel, chega a uma caserna, e encontra-a às escuras.

— Plantão! — grita — estás a dormir?

— Não, meu capitão — responde a praça que surge da sombra bocejando — estava a escrever uma carta...

— A escrever uma carta?... Sem luz?!

— Como é para a minha família, vai bem de toda a maneira.

■

Dois trapeiros discutem política:

— Eu quero a igualdade absoluta.

— Isso mesmo. Todos trapeiros.

■

— Vais por mau caminho, rapaz — dizia um comerciante ao filho — entregas-te ao vício do jôgo, e isso é muito mau!...

— Eu, meu pai?!

— Sim, tu. De que vale negar? Ainda a noite passada perdeste quinhentos escudos no monte.

— Mas se eu não sei jogar o monte!...

— Joãosinho, dá um beijo à tia.
— Mas eu não fiz nenhuma maldade!

— Foi justamente o que me disse uma pessoa que te viu perder os quinhentos escudos.

■

Um mau orador, fazendo em certa sessão solene o elogio de certo consócio que, tendo partido para a América, não cessára de se interessar pela colectividade, gritava:

— Que lugar, senhores, havemos dar a êste benemérito que ainda de tão longe vela por nós? Que lugar lhe havemos dar, senhores?...

Um dos ouvintes, muito enfastiado, levantou-se e atirou-lhe êste àparte:

— Que lugar lhe hão de dar? Olhe: dê-lhe o meu, que eu vou-me embora!

E saíu da sala.

■

Um comerciante convidou um dos seus amigos para ser padrinho de um filho.

No registo, civil, á pregunta sacramental:

— Filho de...

— De António Ferreira & C.ª, à rua de S. João da Mata — respondeu o padrinho com o maior desembaraço.

Aspecto dum grande escritório após a chegada da notícia do desastre sucedido ao proprietário-gerente que ficará retido no leito durante dois meses, pelo menos.

O TEMPO TUDO CONSOME...

Nestes dias tristes, em que a paz se discute ao som dos canhões, sente-se mais profundamente o pêso da vida e a nulidade de tôdas as vaidades, de todos os orgulhos, de tudo enfim que faz da nossa existência um inferno, quando podia com pretensões mais simples, ser um paraíso de tranqüilidade e amor.

A ânsia da riqueza, a ideia fixa do mando e do poder, tomam a humanidade, confiscando-lhe os sentimentos de nobreza e ternura, para oferecê-los em holocausto, no altar da Ambição, que desnorteia as consciências e embota a sensibilidade.

Precisava-se dum novo S. Vicente de Paula, que prègasse às multidões a humildade, a continência nos desejos de poderio, e aconselhasse os cérebros a produzir obras de arte e de ciência, para enriquecerem o património de beleza do seu país, em vez de se aplicarem a fabricar engenhos de extermínio e de miséria.

Um S. Vicente de Paula, adaptado à nossa época, sabendo escolher o ponto a atacar e a tese a defender.

Um santo que tivesse a coragem que teve Jesus para expulsar os vendilhões do templo, e que soubesse dizer as palavras que persuadem e convencem.

■

O tempo tudo consome: mocidade, beleza, energias, só não gasta a maldade, que parece a cada ano que passa crescer mais, como salpicada por água mágica.

As maiores beldades, por mais que lutem contra o tempo embora devagar, envelhecem, murcham, porque a seiva que as refrescava — a mocidade — tem uma capacidade limitada, não é fonte perene.

O espírito pode ser às vezes o acicate que anima as nossas feições, que dá vibração à nossa voz, que acende mais luz no nosso olhar cansado.

Mas, como as estações na natureza se sucedem, mesmo como agora inconstantes e caprichosas, também na nossa vida a primavera tem de ceder o lugar ao verão, embora entrando por êle dentro, e o outono, por mais sol que o aqueça, bem sabemos que o inverno, com seus frios de alma e galhos despidos de ilusões, o há-de pôr fora e instalar-se definitivamente em nós, porque só temos inverno após inverno, cada vez mais desolado, cada vez mais cruel, quando na natureza a primavera volta rebentando em flores, o verão queima, e nós sempre a tiritar de frio — o frio de quem já nada espera, de quem nada ambiciona já.

■

O tempo tudo consome... e as gentes abrem o coração à maldade, com todo o seu cortejo de invejas, injustiças, roubos, assassinatos, guerras, para quê?

Que se lucra com isso? Se aproveitássem a vida, estudando-a, na primavera, amando no verão, recordando no outono, e amparando-nos uns aos outros, no inverno, para que nossos passos fôssem menos incertos e nossas mágoas mais suaves aproveitaríamos melhor as nossas estações.

Tanto mais, que não temos o recurso duma nova primavera, a marcar nova série, para emendarmos os nossos êrros, que ficam sendo definitivos, e as suas conseqüências irremediáveis.

■

O tempo tudo consome... e nós doidos, insensatos, não queremos guardarnos das desilusões, dos malefícios de uma inspiração infeliz, não queremos encarar de frente o perigo para evitá-lo, parar-lhe os golpes.

O tempo tudo consome... porque não parar no caminho errado, antes da última estação, antes da última largada, quando ainda nos resta o tempo para uma boa penitência dos nossos maus desígnios?

Nunca é tarde para se emendar a mão. E se não é já para nós o benefício a produzir, que importa?

Leguemos boa memória da nossa passagem pelo mundo, plantando árvores de que os que vêm depois de nós podem colher bons frutos, às gerações vindouras, dando-lhes o culto da paz e da justiça.

Há coisas tão lindas a fazer no mundo, tanto ideal sublime a converter em sublime realidade!

Quem há-de trazer os homens ao vale verdejante do amor universal?

A sua consciência, se a deixarem falar, gritar a verdade que anda em cada peito amordaçada.

■

Mocidade aproveita a vida aproveita-a bem. Ela tem bom e mau. É preciso saber escolher.

Fica sempre dela um travo amargo, quando o inverno chega, e quási todos nós, então, sentimos na alma êste soneto de Mário Beirão na sua "Noite humana»:

Triste, contemplo o vão dobar dos anos
E fico-me a cismar de olhos perdidos...
Quimeras onde puz os meus sentidos,
Agora não sois mais que desenganos!

Restam desilusões, amargos danos,
De tudo quanto amei, dos sonhos idos,
Surda aos meus rogos, surda aos meus gemidos,
A nau do tempo solta os largos panos!

Como quem, fascinado pela Morte,
Detem o olhar em fúnebre transporte,
Num campo de batalha, cheio de ossos;

Assim os olhos vagos alongando
Sôbre o curso do tempo miserando,
Mudamente contemplo os meus destroços!

■

O tempo tudo consome... Linda frase que me foi dita na rua, por um homem que por mim passou, e me conheceu naturalmente nos meus vinte anos viçosos e lindos.

Não gostei, e fui agressiva na resposta.

Afinal, êle só disse uma verdade, amarga.

O tempo tudo consome, tem razão, e deu-me esta crónica saída muito da alma.

Se ela caír sob os seus olhos, que me desculpe o mau humor que veio justamente, por sentir em mim comovidamente a justiça do seu comentário.

O tempo tudo consome...

Mercedes Blasco.

A QUINZENA DESPORTIVA

O alemão Max Schemeling, de novo na América em busca do almejado encontro com o campeão do mundo Braddock, a bordo foi alvo da curiosidade dos jornalistas

As entidades que dirigem em Lisboa os desportos chamados pobres porque o favor do público lhes não permite alcançar, nas suas organizações, receitas de molde a garantir vida desafogada, reuniram-se no propósito de promover uma série de festivais atraentes, cujo produto virá beneficiar a respectiva situação económica.

Natação, atletismo, basket, ciclismo e handball juntaram assim os seus interesses numa interessante iniciativa de solidariedade desportiva: o primeiro festival realizar-se-à ainda durante o mês corrente, e outros se lhe seguirão durante a época, à razão de um cada mês.

O empreendimento destas federações e associações é altamente simpático e digno de encontrar resultado compensador, que bem podia ser favorecido pela colaboração directa do desporto-rei, futebol.

As modalidades que em Portugal não conquistaram ainda público próprio possuem, no entanto, virtudes espectaculares, poder emotivo, beleza e dinamismo dignos de maior apreço popular, o qual alcançarão no dia em que a propaganda os tiver tornado conhecidos da grande massa frequentadora dos nossos terrenos desportivos.

É impossível, porém, obter rapidamente êste resultado servindo-nos unicamente da propaganda indirecta; por muito que se escreva e diga, o povo continuará preferindo os espectáculos que, já conhece e lhe agradam e a solução inteligente é levar os desportos novos aos campos onde êle se encontre por motivo diverso, sem esperar que êle venha de motu próprio aos terrenos dêsses jogos e variantes.

Algumas especialidades, como o atletismo, chegaram a ter público próprio suficiente para compensar os encargos das suas organizações; mas a falta dum campo capaz e a nefasta influência duma propaganda jornalística invertida nos objectivos normais, destruiu quanto se havia conseguido e repoz a situação de ha quinze anos.

O passado demonstra, porém, que êsse desporto é susceptivel de captivar simpatias de público, o êxito dependendo apenas duma orientação honesta e cuidada.

A forma mais eficaz e rápida de desenvolver a popularidade dêstes desportos pobres, é, como temos preconizado de longa data, associá-los aos programas oficiais de futebol; a apresentação, antes dos encontros da Liga ou do campeonato nacional, de jogos de handball ou basket, a inclusão de corridas em linha ou de estafetas nos intervalos, constituiriam excelente processo de vulgarização e, para futuro, valorizariam os próprios programas clubistas.

Não falamos no ciclismo, porque êsse é desporto pobre apenas pela responsabilidade dos maus dirigentes e da sua pessima organização; entusiasmo popular não lhe falta.

O caso da natação é, forçosamente diferente; as suas competições serão sempre independentes e sofrem dum mal que não é facil remediar, a esmagadora superioridade dum club, que elimina toda a rivalidade e incerteza de resultados, factores indispensáveis do interesse público.

■

O govêrno da França acaba de promulgar um decreto criando o Diploma Desportivo Popular, cujo objectivo é a propaganda da cultura física pela instituição dum concurso mixto, aberto a toda a gente, e que para incentivo é dotado dum distintivo especial cujo porte é reservado aos indivíduos que satisfaçam às provas incluidas no seu regulamento.

Do texto fundamentante do articulado do decreto recortamos o periodo seguinte, que traduz da parte do ministro legislador um excelente critério e um enorme fundo de bom senso: "As condições do trabalho moderno que tendem a eliminar o esfôrço pròpriamente físico, substituindo-o por meros gestos automáticos; o desenvolvimento contínuo dos meios mecânicos de transporte, a passividade crescente da vida quotidiana, o aumento das horas de descanso em regra desaproveitadas ou mal aproveitadas, são de molde, caso se lhes não oponha o efeito duma actividade intensa voluntária, a provocar a degenerescência nítida do ser humano».

O texto do decreto institui dois diplomas, um masculino, outro feminino, cada um deles dividido em diversas categorias, cujo programa de provas vamos indicar, tão interessante consideramos a iniciativa, que em Portugal poderia ser vantajosamente imitada.

Os indivíduos do sexo masculino são separados, por idade, em quatro classes: dos 12 aos 14 anos são obrigados a correr 40 metros em 9 s., saltar 0m,80 em altura, lançar sem balanço e com as mãos direita e esquerda uma bola de 50 gr. a 10 m., trepar à corda a pés e mãos uma altura de três metros, executar um movimento gimnástico escolhido á sorte da lista anexa ao decreto, e percorrer dez metros nadando em estilo livre, partida de mergulho. As categorias imediatas compreendem os adolescentes dos 15 aos 17 anos, os homens dos 18 aos 34 e, por último aqueles que excederam esta idade.

O programa do terceiro grupo, que poderemos chamar de homens válidos consista duma corrida de 100 metros em 15 s., um salto de 1m,20 em altura, lançamento de pêso regulamentar de 7 kg. (melhor braço) a 6 metros, correr um quilómetro em 3m 50 s., trepar três metros à corda a pulso e nadar 25 metros em estilo livre.

Para o sexo feminino, as categorias são apenas três correspondentes em idade as três primeiras do diploma masculino; o programa de provas das raparigas dos 15 aos 17 anos é o seguinte: corrida de 50 metros em 10 s., salto em altura de 0,m80, lançamento duma bola de 100 gr., com os braços direito e esquerdo a 10 metros, trepar a corda três metros a pés e mãos, nadar 10 metros em estilo livre.

Todos os concorrentes são previamente submetidos a um exame médico, com poderes eliminatórios. As diversas provas são fiscalizadas pelas Federações respectivas e os concursos escalonados de Maio a Outubro.

Eis uma iniciativa excelente, fecunda, e que bem ficaria a qualquer entidade portuguesa promover ou patrocinar em moldes semelhantes.

Precisamos de incutir os hábitos do exercício físico na grande massa daqueles que apaixonadamente os admiram praticados pelos outros.

■

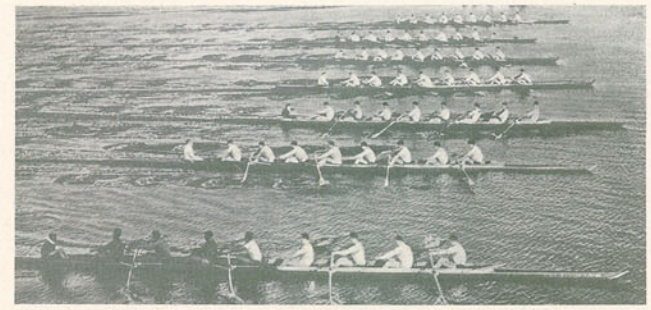
Zamora jogou em Paris; o homem cuja morte foi anunciada em setembro do ano passado e a cujo fim trágico o congresso da Federação Internacional de Futebol em Berlim consagrou na sua acta um voto de pesar, maravilhou uma vez mais o público parisiense com a arte das suas paradas, a agilidade e a visão de atleta excepcional que conserva aos trinta e seis anos faculdades que lhe asseguram uma invejável mocidade.

A crítica francesa foi pródiga em elogios ao famoso Ricardo, que garantiu ao seu grupo, o Olympique de Nice, a vitória pelo mínimo, pois não consentiu marcação ao adversário.

Juntamente com Zamora alinhou o seu velho companheiro de glórias Joseph Samitier, a cujo respeito também correram notícias pessimistas.

Parece, afinal, que os jogadores espanhois com tanta freqüência anunciados como vítimas da guerra gozam todos êles de excelente saúde, pois além destas duas estrêlas catalãs fugidas de Madrid, exibiu-se em Paris no passado dia 31 de Abriluma equipa vasca, proveniente de Bilbau, e na qual alinharam onze internacionais, entre êles Blasco, Cirfaco e Aedo. Cillaurreu, Luiz Regueiro, Langara e Gorostisa.

A primeira categoria do Carnide Club, vencedora do Campeonato de Lisboa de basket-ball



Um impressionante aspecto da largada dos oito barcos nos campeonatos universitários de remo nos Estados Unidos

Às sucessivas tentativas dos franceses, tôdas infrutíferas, para reünir Paris a Tóquio em avião num tempo inferior a 100 horas, acabam dois aviadores japoneses, Ihinouma e Tsukakochi, de responder de maneira triunfal.

Servindo-se dum aparelho inteiramente construïdo no Japão, célula e motor, os dois homens vieram da capital do seu país até Londres em 94 horas, tendo reservado 36 horas durante a viagem para dormir descansadamente três noites em sucessivos de escala.

A máquina volante, impulsionada por um motor de 600 cv. deu inteira satisfação aos seus tripulantes e realizou, apezar do vento contrário durante dois terços do percurso, uma velocidade média efectiva de 287 quilómetros por hora. A velocidade comercial, que é avaliada não apenas pelo tempo de vôo, mas pelo tempo total dispendido incluindo as paragens noturnas em Vientian, Karachi e Atenas e as demoras para reabastecimento em gazolina e óleo em seis escalas mais, foi ainda assim de 160 Km. H.

Estes números não surpreendem, porque ficam muito àquem das possibilidades da Aviação moderna; basta lembrar que na corrida Londres-Melbourne disputada há um ano, o bimotor de corrida "Comet" e o avião de transporte Douglas levando oito passageiros, realizaram em percurso mais extenso respectivamente 256 e 202 quilómetros horários de velocidade comercial.

O "Kamikasé" ou o "Vento de Deus", que tal é o nome do baptismo do aeroplano japonês não traz, portanto, revelações de ordem técnica, mas o resultado da viagem impressionou sobremaneira a opinião pública porque veio após os fracassos europeus e ainda porque revelou o valor da aviação nipónica cujos progressos são pouco conhecidos.

■

Termina àmanhã o terceiro campeonato de futebol da Liga, cuja vitória antecipadamente se sabe pertencer ao Sport Lisboa e Benfica que já no ano passado fôra o triunfador da tão discutida como renhida prova.

Salazar Carreira.

Em Inglaterra cuida-se atentamente do problema de educação física, preparando professoras que depois aplicam em todo o país os preceitos gimnásticos do método Ling

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 81

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

APURAMENTOS

N.º 72

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

OLEGNA
N.º 12

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

YZINHA
N.º 7

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 11, Calaveras; n.º 9, X 505.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 12 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Rei Mora, Calaveras.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 11. — X 505, 11. — Capitão Terror, 11. — Salustiano, 11. — Rei Luso, 11. — Só-Na-Fer, 11. — Só Lemos, 10. — Sonhador, 10. — João Tavares Pereira, 9. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 9. — Lamas & Silva, 8. — San-Fer, 7.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 5. — D. Dina, 5. — Lisbon Syl, 5. — Aldeão, 4.

DECIFRAÇÕES

1 — Demo-mora-demora. 2 — Masca-cabo-mascabo. 3 — Estou-fraca. 4 — Recôsto. 5 — Coçado. 6 — Natação-nação. 7 — *Querido-quêdo*. 8 — Medusa-mesa. 9 — Atro-tronar-atronar. 10 — Anho. 11 — Mesura-mera. 12 — *Dos santos ao Natal cada dia mais mal; do Natal ao Entrudo come-se capital e tudo.*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) E v. *prefere zombar de* quem o quere *levar por bom caminho?* (2-2) 3.
Lisboa — *Do 14*

2) *Governanta* sendo filha de *feiticeiro* encara tôda a gente com *ameaça*. (2-2) 3.
Luanda — *Ti-Beado*

3) O *princípio* da minha vida — a *glória;* o fim — um *asilo!* (2-2) 3.
Lisboa — *X 505*

NOVÍSSIMAS

4) A *energia* de «*um*» homem verifica-se no seu aspecto *vigoroso*. 2-1.
Lisboa — *Gigantezinho*

5) Com êsse «*número*» *o enrêdo* é garantido. 2-1.
Lisboa — *Moreninha*

6) Se tens aí *frio* vem para *aqui* de *tamanco*. 2-1.
Luanda — *Ti-Beado*

7) Com as cartas a *descoberto o* jôgo fica *sem valor*. 1-1.
Lisboa — *Zé da Burra*

SINCOPADAS

8) No *tribunal* vi uma *fisionomia* que me amedrontou. 3-2.
Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

9) No *caminho ponho de permeio* o carro. 3-2.
Lisboa — *Maine Chance*

10) A *censura*, algumas vezes, é, para certos desmandos, uma «*cura*». 3-2.
Lisboa — *Marvedo Azeio*

11) Não gosto de *meditar* para não me *enfadar*. 3-2.
Lisboa — *Pimpas*

12) Não é só a *pessoa maldizente que tem cabelos brancos*. 3-2.
Luanda — *Ti-Beado*

13) ...e que viva no *inferno 365 dias*... 3-2.
Lisboa — *X 505*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

14) Na Lua primeiro nota,
Quem olhar com atenção,
Que entre as suas manchas vai
Singrando uma «*embarcação*».
Lisboa — *Kardónis*

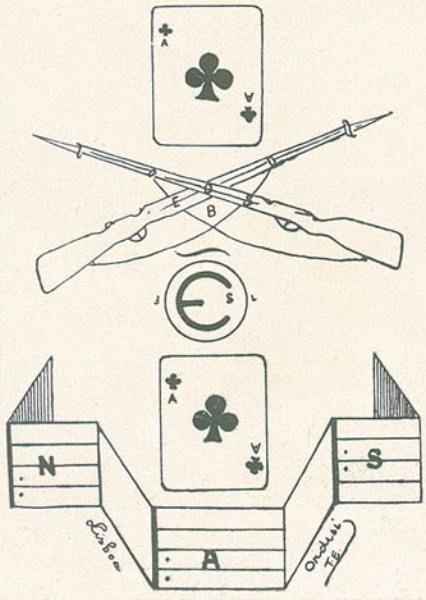
15) Só com duas letras,
Ambas consoantes,
Tens uma «*refeição*»
Das bem confortantes.
Luanda — *Ti-Beado*

MEFISTOFÉLICAS

16) A *miséria* é companheira
Da minha vida sem *sorte*.
Faminto desta maneira,
Antes me valia a morte! — (2-2) 3
Lisboa — *Alfa Romeo*

TRABALHOS DESENHADOS

20) ENIGMA FIGURADO



17) Trouxe-me o correio há dias
Uma carta malcriada,
Em que, entre outras heresias,
Dizia que uma charada

Que saiu na «Ilustração»
Fôra por mim rapinada!
Mas que tremendo aldrabão
O autor da pasquinada...

É *mentira* quanto diz
Êsse anónimo senhor!
Se a *produção* eu não fiz,
Quem foi então o autor?

Fico intrigado, confesso,
Com tão falsa *afirmação!*
Cujo intento desconheço,
Bem como a sua razão... — (2-2) 3
Lisboa — *X 505*

NOVÍSSIMAS

(Àquele peito amado...)

18) Saüdade! quanto travor
Esta palavra resume!
Sofrer saüdades de amor
É sentir quási ciúme!

Vai nestas quadras sentidas
Tôda *a* vida — vida inteira! — 1
São cenas de amor vividas,
E eu amo desta maneira!

Estar ausente alguém que é
A nossa razão de ser
É trazer suspensa até
A própria vida — é morrer! — 1

Que triste o dia cinzento,
Em que o Sol não vem brilhar!
É o meu peito — um lamento —
Sem a luz do teu olhar!

Já reli a tua carta,
Enlevado, loucamente:
A alma não sinta farta,
Vou relê-la novamente.

Quando a vèlhinho chegar
Meu coração no teu peito,
Cuidado! *não* vá parar...
Amor, afaga-o com jeito!
Lisboa — *San-Fer*

(Retribuindo e agradecendo muito penhorado... em verso chocho, à ilustre charadista e poetisa "Yzinha" a sua bela charada-acróstico)

«Ao confrade S... pondo têrmo à brincadeira»
«*Mad Ira*» — *Desporto n.º 67*

«...Não a devia esquecer...»
«*Yzinha*» — *Desporto n.º 74*

19) O Senhor! Supremo Ser!
Deus! (*) o Criador do Mundo! — 2
P'ra minorar meu sofrer,
Meu desalento profundo,

Inspira "Yzinha" e "Mad Ira",
Que à porfia em gentileza,
Num brando "*soar*" da lira — 1
Dissipam minha tristeza.

Mas nestes versos de "Yzinha"
Noto, com certa amargura,
Que há uma leve pontinha
De injustiça na censura.

« — Ponha têrmo à brincadeira!"
Disse "Mad Ira", em essência...
Prosseguir seria asneira,
Grossaria, impertinência...

Manda "Mad Ira" calar
Meus versos impertinentes...
E "Yzinha" continuar...
Desejos tão divergentes
Como os posso *harmonizar?!*
Lisboa — *Sileno*

(*) *das môscas.*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Capitólio

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde de 9 de Abril último no salão do Capitólio, uma interessante festa de caridade, cujo produto se destinava a favor das escolas da Educação Popular, levada a efeito por uma comissão de gentis meninas da nossa primeira sociedade da qual faziam parte as seguintes: Ema Vieira Pereira de Sousa, Luiza Maria da Costa Cabral de Macedo, Luiza Maria Leça da Veiga Pinto Coelho, Mafalda Teles da Silva (Tarouca), Maria da Conceição Bragança Pinto Coelho, Maria da Conceição Vilhena de Sousa Rêgo, Maria Denise Alves Dumont, Maria de Jesus Faco Viana Martins, Maria Luisa Pinho Xara Brasil, Maria Odete Alves Dumont, Maria Tereza de Oliveira Leça da Veiga, Maria Tereza Pereira Pinto de Araujo, Maria Tereza Pinho Xara Brasil, e Tereza Maria Vilhena de Sousa Rêgo, cujo programa foi composto de filmes de desenhos animados e de vários intermédios cómicos por palhaços, sendo também distribuidos às crianças presentes interessantes brindes.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto financeiro como mundano.

No Nacional

Da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Ana de Lima Mayer de Carvalho, D. Catarina de Vilhena de Sousa Rêgo, D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Maria do Carmo da Cunha Correia de Sampaio, D. Maria de Lancastre Van-Zeller, e D. Maria Lane Borges de Sousa, que levaram a efeito no teatro Nacional Almeida, três interessantes tardes literárias, cujo produto se destina às quatro instituições de beneficência «Sopa da Freguesia da Lapa, Escolas Católicas, Preventório de Colares e Casa de Proteção e Amparo de Santo António, recebemos com o pedido de publicação a nota da receita e despesas das mesmas festas:

Receita — Importância entregue pela Empresa «Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro» — escudos 9.650$25; Venda de bolos e programas — escudos 1.674$75, *Total:* 11.325$00. *Despesa* — Pagamento dos programas — 135$00; Gratificações — 190$00, *Total*. 325$00. Importância líquida entregue às obras de caridade: 11.000$00.

Casamentos

Celebrou-se na capela da residência da Família Caldas, o casamento da sr.ª D. Guilhermina Ribeiro de Jesus, gentil filha da sr.ª D. Joaquina Ribeiro de Jesus e do sr. António Filipe de Oliveira Jesus, com o distinto tenente de engenharia sr. João Baptista Peral, filho da sr. D. Matilde Peral Fernandes e do sr. Lourenço Fernandes, servindo de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Gertrudes Gomes e de padrinhos o pai da noiva e o sr. José Gomes, presidindo ao acto o reverendo Silvestre José Gonçalves, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia foi servido no salão de mesa da mesma residência, um finíssimo lanche, fornecido pela pastelaria «Ferrari», recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Beatriz Quintela Lopes de Carvalho, interessante filha da sr.ª D. Beatriz Guimarães Alves Quintela de Carvalho e do sr. João Máximo Lopes de Carvalho, já falecido, com o distinto engenheiro sr. Domingos Cabral de Melo, filho da sr.ª D. Ana Cabral de Melo e do sr. Manuel Cabral de Melo, já falecido, tendo servido de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Maria Tereza Fernandes Marques Duarte e de padrinhos os srs. Joaquim Máximo Lopes de Carvalho Junior, irmão da noiva e dr. Manuel Duarte, presidindo ao acto o reverendo prior da freguesia que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, da pastelaria «Versailles», na elegante residência dos noivos, seguindo estes, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para Coimbra, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu sobrinho o sr. Aurélio Mário Moreira de Azevedo Cruz, filho da sr.ª D. Belem Moreira da Cruz e do major sr. Aurélio de Azevedo Cruz, foi pedida em casamento pelo major de cavalaria e nosso querido amigo sr. Luiz de Azevedo Cruz, a sr.ª D. Maria Antónia Sheppard Cruz, geatil filha da sr.ª D. Berta Sheppard Cruz e do major sr. Alfredo Eduardo da Cruz, já falecidos, devendo a cerimónia realisar se por todo o corrente ano.

— Presidido pelo reverendo prior da freguesia, monsenhor José Pinheiro Marques, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquial de S. Pedro, em Alcantara, o casamento da sr.ª D. Eugénia Duarte Boa-Alma, interessante filha da sr.ª D. Beatriz Duarte Boa-Alma e do sr. José Severino Boa-Alma, já falecidos, com o sr. Mário Lorjó Gomes, filho da sr.ª D. Ana de Figueiredo Lorjó e do sr. Feliciano Sousa Gomes, já falecido, servindo de madrinhas a sr.ª D. Beatriz Antunes e a mai do noivo e de padrinhos os srs Manuel Antunes e José da Costa Ramos.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o Porto, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou se na paroquial de S. Jorge, em Arroios, o casamento da sr.ª D. Maria Odete Waldez Rodriguez Frausto, com o sr. Luís Fernandes Cabrera de Varona, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Dolores Predreño Garcia Jañez e D. Consuelo Fernandes de Freitas e de padrinhos os srs. D. Benito Garcia Jañez e o maestro Frederico de Freitas.

Finda a cerimónia, que revestiu um carácter de muita intimidade, foi servido no salão de restaurante Café-Tavares, um finíssimo almôço, oferecido pelo sr. D. Benito Garcia Jañez, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Margarida Queriol Macieira, para seu filho João, a sr.ª D. Ana Maria Berneaud Caiola, interessante filha da sr.ª D. Marieta Berneaud Caiola, e do nosso querido amigo sr. Júlio Caiola, nosso colega na imprensa e Agente Geral das Colónias, devendo a cerimónia realizar-se no próximo verão.

— Em Mora celebrou-se na igreja matriz, o casamento da sr.ª D. Lucinda de Almeida Cardoso de Lemos, gentil filha da sr.ª D. Lucinda de Almeida Cardoso de Lemos, e do sr. Dr. Francisco Cardoso de Lemos, com o distinto engenheiro sr. Mário Alvares Cabral Bettencourt, filho da sr.ª D. Maria Emília Alvares Cabral Bettencourt, e do sr. Dr. Nicolau de Bettencourt, servindo de madrinhas as mãis dos noivos e de padrinhos o sr. Dr. António Leonardo de Almeida e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Ferrari», recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, na Maternidade Alfredo da Costa, a sr.ª D. Maria Tereza Mendes Lira Pereira da Cunha, espôsa do sr. Vasco de Albuquerque Pereira da Cunha, assistida pelo ilustre cirurgião professor sr. dr. Augusto Monjardino. Mãi e filho estão felizmente bem.

— A sr.ª D. Etelvina Monteiro de Barros do Amaral, teve na Casa de Saude de Benfida, o seu bom sucesso, assistida pelo distinto clínico cirurgião dr. Fernando Simões. Mãi e filha encontam-se felizmente de saude.

Baptizados

No Pôrto, celebrou-se na paroquial da Nossa Senhora da Conceição, presidido pelo reverendo prior Marques Soares, o baptizado do menino João Manuel primeiro filhinho da sr.ª D. Germana Marques Vieira Pinto Ruela Ramos, e do distinto advogado sr. dr. João Ruela Ramos, tendo servido de madrinha da gentil criança a sr.ª D. Maria do Carmo Marques Vieira Pinto da Cruz Barbosa e de padrinho o sr. António de Almeida e Silva.

D. Nuno.

A sr.ª D. Joaquina Ribeiro de Jesus, e o tenente de engenharia sr. João Baptista Peral Fernandes, com as damas de «honor» por ocasião do seu casamento

A liberdade é o anseio da humanidade. Hoje mais do que nunca se fala de liberdade, todos querem ser livres, todos entendem que devem ser senhores de si, e, as mulheres mais do que ninguém proclamam a sua independência.

E no entanto a liberdade é um mito uma coisa que não existe, pelo menos em absoluto.

Não há ninguém absolutamente livre neste mundo, ninguém que não esteja preso a alguém ou a alguma coisa.

Politicamente são as teorias que mais liberdade prometem, aqueles que na prática mais tirania dão, aos desgraçados que por êles são governados. Quanto mais alto gritam: liberdade mais duramente tiranizam.

Os pobres não são livres, porque são obrigados a trabalhar para poder viver e vivem na dependência daqueles que lhe dão trabalho, os ricos vivem em geral escravizados à sua fortuna, e, administrá-la é muitas vezes uma tarefa que lhes tira a alegria. Dependem também daqueles a quem dão trabalho e que os servem.

Os que nada fazem vivem em geral tiranizados pelos seus vícios, que absolutamente dêles se apoderaram e os escravizam mais ferozmente do que o trabalho.

Os que amam vivem escravizados ao seu amor, aos caprichos ou à maneira de ser, daqueles que amam. E há bem pouco quem neste mundo não ame alguém e se há um ente liberto de todo o sentimento, é bem para lamentar, porque nada mais triste do que viver no isolamento da alma.

E quando falo de amor não me refiro sòmente ao sentimento paixão, que domina temporàriamente o homem e que há naqueles que se ligam para sempre, no amor dos espósos, dos pais pelos filhos, dos filhos pelos pais, do amor fraternal e dêsse carinho que temos pelos nossos e até pelas pessôas a quem apenas laços de amizade nos ligam.

Há pessôas que vivem presas até por um animal, um cão, um gato, deixando de fazer uma viagem, de se deslocarem para não abandonar o bicho, que estimam, criando uma prisão a que não são obrigados e que lhes tira essa liberdade completa, a que tôda a humanidade aspira, e, apenas para o sacrificar por aquilo que estima.

Dir-me-hão que não é sacrifício aquilo que faz por gôsto, mas a verdade é que também não é livre quem gosta de se sacrificar.

A mulher tem agora mais do que nunca o desejo da liberdade. Ser livre eis o ideal, não admitir a mais pequena objecção não suportar a mais leve contrariedade aos seus caprichos.

Quando o marido não está de acôrdo com a sua maneira de sentir, a ameaçá-la está, como a espada de Damócles: o divórcio! E porque não? Se é uma lei que dá a liberdade, a liberdade de tornar a prender-se, a liberdade de estragar a vida a única a que pode aspirar, porque livre nunca é nem a mulher pode ser.

A mulher, ente de ternura, que tem de ter um afecto, seja êle qual fôr, ainda que não seja senão pelo cão, nunca é livre, nem nunca o será do todo e ainda bem para não ser completamente infeliz na vida.

A liberdade a que a mulher deve aspirar é a liberdade de fazer o bem, e essa tem-na sempre, porque em tôda a parte pode exercer uma missão de bondade. Em casa junto dos seus, à sua volta se freqüenta a sociedade, e aos pobres àqueles que não precisam só da esmola atirada à sua fome, mas também duma palavra carinhosa, que lhes levante o moral e os ampare na sua dura sorte.

A liberdade que a torna feliz é aquela que lhe permite sacrificar-se pelos que ama e sobretudo a liberdade de cumprir o seu dever, porque o dever cumprido assegura a melhor das liberdades, a duma consciência traqüila em absoluto.

O que nunca será a liberdade, é isso a que algumas mulheres aspiram a de esfrangalhar a sua vida em loucuras, em verdadeiros actos de inconsciência querendo curear aqueles que a rodeiam aos seus caprichos, e, mesmo as que podem por infelicidade sua e dos que a rodeiam, fazer tudo o que a loucura aconselha, não é ainda livre, porque é escrava do seu egoísmo e da sua má orientação.

Não deve nunca a mulher sacrificar a sua felicidade e a dos seus, por uma palavra que é uma miragem, por uma coisa que não existe. A melhor liberdade que se pode ter é a de desempenhar o melhor possível a missão que Deus nos confiou, seja ela qual fôr, o resignarmos à nossa sorte o empregar-mos a nossa vida em fazer bem obedecendo às regras estabelecidas e nunca viver numa vida de revolta e de ânsia por aquilo que não podemos ter.

E aquela que consegue viver a vida equilibrada da mulher que compreende os seus deveres, e, que os desempenha conscenciosamente, essa é a mulher que pode dizer que conquistou a liberdade, a única que se deve aspirar, a liberdade de ser boa.

Maria de Eça.

A moda

Veraneira e fresca a moda começa, a fazer-nos entrever o agradável uso dos trajos de verão sempre bonitos e leves, e, que rejuvenescem a mulher seja qual fôr a sua idade.

Um vestido leve e fresco torna a mulher duma elegância juvenil, que a tôdas agrada, pois qual é o maior esforço que a mulher faz? O querer parecer sempre mais nova e isto desde os vinte anos, pois até essa idade há sempre o desejo de parecer mais velha e não há para as crianças maior prazer do que dizerem-lhe que parecem ter mais anos. É humano o desejo de crescer de ser gente, como também o é de estacionar e de nos conservarmos sempre no vigor da vida.

E para a mulher mais violento é êsse desejo, porque com a idade vê passar a sua beleza e desaparecer o seu encanto exterior, porque o interior, o que irradia da alma, êsse em geral aumenta com os anos, quando se sabe aceitar a vida como ela é.

Mas voltemos ao assunto que mais interessa as leitoras, a moda, essa tirana tão amada da mulher.

Que gracioso modêlo duma fresca blusinha muito cómoda e prática nos apresenta Rosalind Keith a encantadora estrela da «Paramount Pictures». Em «crêpe» da China branco é realçada por um ponto azul-escuro na baínha dos plíssado. Um laço azul-escuro em fita «grossafrain» é a sua única guarnição.

Este género de blusas são sempre da maior utilidade no verão, porque usadas sem casaco são muito frescas e com um «tailleur» dão o melhor efeito.

Como pequeno chapéu nada mais gracioso que o de Jean Harlow. Em palha preta a sua única guarnição é um ligeiro véu, que realça a beleza loira da linda artista, que é uma das mais fascinantes estrelas da Metro Goldwyn Mayer. E' também muito gracioso o vestido em ligeira fazenda de lã guarnecido a franjas de seda preta. Muito original e gracioso para a noite uma «toilette» muito desusada que nos apresenta Betty Furness a elegantissima mulher que na Metro Goldwyn Mayer, marca pela sua distinção no vestir. Uma saia em «taffetás» preto com uma barra em veludo e corpete justo no mesmo tecido. É dum gentil efeito esta «toilette» que evoca eras passadas no seu aspecto elegante, singelo e distincto.

Mas temos um modêlo da maior frescura e beleza o mais próprio para esta florida primavera em musselina de seda, fundo branco e flores de elavelinas nos mais delicados tons. Duma grande simplicidade realça a beleza morena de Maureen O'Sullivan a grande artista da Metro Goldwyn Mayer, que tão conhecida e querida é, das nossas plateias. Este vestido de jantar e de «soirée» vai ter um sucesso entre a gente nova que quere vestir com frescura e mocidade.

Mas nas modas não devemos nunca esquecer as crianças que são a alegria da vida e nada pode haver de mais encantador do que uma linda criança, bem vestida, com simplicidade e bom gosto.

A simplicidade é quási uma obrigação no vestuario das crianças, porque a infancia só vai bem o que é simples e claro, como as suas lindas alminhas tão puras e lindas.

Damos um modêlo de vestidinho para menina de cinco anos em seda crème, estampada em florinhas de côres alegres, dois folhos estreitos guarnecem a pequena saínha e dois folhos largos formam a manga e a guarnição do corpinho. Este gracioso vestido é realçado pela encantadora cabecinha de encaracolado cabelo, e, não

PÁGINAS FEMININAS

há coração de mãi que não estremeça de alegria ao ver a sua filhinha tão elegante e bonita, e, não há alma de mulher que se não enterneça com a graça e a beleza duma criança gentil e bem vestida.

A criança nos parques

A criança necessita em absoluto de ar e de luz, dos jardins e da liberdade para brincar, correr e saltar. Não há para isso como os parques

de Londres com os seus recintos reservados, para as crianças, onde elas podem brincar, retoiçar sem que perigo algum as ameace. Em Regent's Park pequeno lago povoado de barquinhos tem água só até ao joelho, de forma que um acidente é apenas um banho forçado, que redunda em risadas alegres.

Em Saint James Park, nos dias de calor têm as crianças uma pequena praia artificial onde molham os pés e brincam com tôda a liberdade. Por tôda a parte há alegria, há bem-estar nêsses jardins dedicados ás crianças, que como flores mimosas se desenvolvem rosadas e belas num desabrochar perfeito de exemplares admiraveis da raça humana.

Variados brinquedos à sua disposição fazem-nos tomar o amor aos desportos, enquanto as muito pequeninas se mantêm deitadas nos seus carrinhos, dormindo ao ar livre êsse tranquilo sono da inocencia, num repouso perfeito e completo que nunca os braços das amas, das mães podem dar.

Florence Nightingale

Em tôda a parte há figuras de mulher interessantes na história, mas uma das mais atraentes é sem dúvida a de Florence Nightingale. Filha de pais ingleses, mas nascida em Itália, nos arredores de Florença, tem em si a orientação o equilibrio, a força de vontade da sua raça e a espiritualidade, o coração, a alma da sua pátria de acaso.

Dêsde criança Florence era um espírito profundo, mas alegre, bonita, possuindo bens de fortuna, muito inteligente e culta, assim que para isso teve idade, foi apresentada na sociedade, que a recebeu de braços abertos, mas Florence, a linda Florence, trocava os salões doirados da aristocracia italiana e as reuniões elegantes de Londres onde passava temporadas. Pelas casas dos pobres onde ia levar o amparo da sua esmola e da sua grande alma.

Nunca quiz casar-se e começou a germinar no seu espirito a ideia duma grande obra, nessa ocasião havia caridade particular mas não «obras», como há hoje. Nas suas visitas aos hospitais Florence soube que as enfermeiras de então eram mal vistas e que nenhuma rapariga séria ousaria entrar para um hospital como enfermeira.

Miss Nightingale era protestante mas a figura doce e ideal das Irmãs de Caridade comoveu-a e interessou-a e sonhou formar um corpo de enfermeiras da sua religião. A família opôz-se ao seu designio, mas ela abandonou a vida mundana e internou-se numa escola de «nurses» alemãs. Quando rebentou a guerra da Crimeia, organisou um corpo de enfermeiras que instruiu e formou debaixo da sua direcção. Nêsse grupo havia tudo: 10 irmãs de Caridade Católicas, 4 enfermeiras diplomadas protestante e numerosas senhoras que o seu exemplo arrastára.

O que foi o seu trabalho nessa guerra, o socorro material e espiritual, que ela e as suas companheiras levaram aos feridos e aos hospitais não é fácil dizê-lo em tão pequeno espaço.

O facto é que nascera essa grande obra das «nurses» inglesas e que a figura moral de Florence Nightingale é um facho de luz, que ilumina o mundo feminino trazendo-nos um exemplo enternecedor, e, quando morreu aos 84 anos foi com a alegria de ver que grandes países como a França, a Alemanha e a América tinham seguido o seu exemplo.

Higiene e beleza

São inumeras as senhoras que se queixam da queda do cabelo e de excessiva gôrdura na cabeça. E uma doença muito conhecida esta e que requer o maior cuidado, porque sendo desprezada, pode causar uma calvície precoce.

Tendo cuidado e fazendo tratamento evita-se êsse mal e cura-se completamente, voltando o cabelo a ter todo o vigor e abundancia que tornam linda uma cabeça bem penteada o tratada.

Deve lavar-se o cabelo de quinze em quinze dias com sabonete Panamá, para desengordurar. Logo que o cabelo séca, passa-se a cabeça tôda com sublimado a 0,40 de grama para trezentas

gramas de água. De manhã e à noite aplicar a seguinte loção que deve estar num frasco contagotas: Alcool a 90° 100 gramas, ácido pirogalico 8 gramas, enxofre precipitado 10 gramas. Ao fim de dois mezes dêste tratamento o cabelo torna-se abundante, sedoso e brilhante e deixa de cair. Evitar durante o tratamente o frizar a ferro.

Receitas de cozinha

Gelado de laranja: — Quatro ovos, chávena e meia de assúcar chávena e meia de água, seis fôlhas de gelatina branca, raspa duma laranja: Batem-se as gêmas com o assúcar, até ligar bem e as claras em neve. Desfaz-se a gelatina na chávena e meia de água a ferver, que deve ter a raspa da laranja.

Deita-se esta água para dentro do tacho onde estão as gêmas mechendo-se com muita pressa, em seguida deitam-se as claras, mistura-se tudo muito bem e deita-se logo na vasilha em que há de ser servido. Querendo pode substituir se a raspa da laranja por baunilha.

Leones: — Duas colheres de sopa, de leite, duas colheres de manteiga, dois ovos, três colheres de assúcar, doze colheres de farinha de trigo, duas colheres de crescer ou fermento inglês. Mistura-se as gêmas com o assúcar o leite a manteiga a farinha e o fermento e bate-se muito bem em seguida deitam se as claras batidas, mechem-se e põe-se num taboleiro em pequenas bolas.

De mulher para mulher

Violeta: — Nada mais bonito que, o que a natureza dá, se nunca foi loira para que há de sê-lo? E creia que estraga o cabelo e não fica melhor como beleza. Enquanto a leitura acho que deve escolher livros instrutivos, aconselho-a a ler «Mes Voyages en Mediterranée de Claudio Farrère.

Sempre firme: — Que belo pseudonimo se condiz com o seu caracter e se essa firmeza é para o bem, mas pelo embrulhado da sua consulta, entrevejo que essa firmeza é uma inclinação para estragar a vida, terminando com seus pais que só desejam a sua felicidade.

Talvez que represente maior firmeza fazer-lhes *a vontade.*

Marieta: — E' um desporto muito útil e se tem agilidade, que lhe importa a idade. Em Inglaterra vi jogar o «tennis» senhoras de cabeça branca e que tinham o aspecto da melhor saude.

Usam-se muito as «canotiers» e são bastante graciosas. Acho que fará muito bem em tomar essa resolução.

Pensamentos

O homem é assim feito, quando um assunto o o inflama a impossibilidade desaparece do seu espírito.

Nada pesa mais do que um segredo. Leva-lo longe, pesa à mulher, e não só a ela como também a muitos homens.

A ARTE DE BEM COZINHAR

Parecendo que é apenas um pormenor, a cozinha tem uma capital importância na vida humana, e deve ser uma das grandes preocupações da mulher que, como dona da casa e dirigente do lar, tem a seu cargo êsse laboratório da saúde da família.

Sem querer dizer como os alemães de outras eras, que a vida da mulher estava reduzida a três K, «Kirche» «Küche» e «Kinder», igreja, cozinha e crianças, programa muito reduzido para a mulher de hoje, que tem tantas aspirações, mas que, bem realizado, é programa para encher uma vida, digo que a cozinha tem na vida da mulher e talvez até na sua felicidade uma decisiva importância.

Nenhuma mulher deve casar sem saber bem coiznhar, sem saber o valor dos alimentos e as suas qualidades, e como organizar uma ementa de forma a que nela se encontrem devidamente doseadas as calorias e as vitaminas, necessárias, indispensáveis ao organismo humano, desse conhecimento e dessa distribuição depende o bem estar físico, que muito contribui para o bem estar de espírito.

Alem dessa parte ha tambem a guloseima e a mulher tem que contar com êsse defeito, que se pode tornar numa qualidade quando bem aproveitada, do homem.

O homem, em géral, é guloso e quando constitui família e organiza um lar, aprecia muito o comer bem, por que o comer bem é um dos prazeres dêste mundo e é natural que o homem, que assume tantas responsabilidades quando casa, tire desse estado algumas vantagens e não é portanto uma exigência o pedir, uma cosinha cuidada e bem dirigida.

Houve uma época em que a mulher elegante achava que perdia muito da sua elegância se se dedicasse á cozinha, hoje está passando um pouco essa mania e a mulher começa a compreender que a cozinha tem na sua vida um lugar importante. As raparigas freqüentam com gôsto os cursos de cozinha, que as habilitarão mais tarde a serem umas donas de casa com conhecimento de causa, sabendo fazer um almôço apetitoso ou determinar um jantar de ceremónia e sem recorrer aos restaurantes, organizar a sua vida de casa.

A alimentação é o que ha de mais sério na vida e a mulher nunca se deve queixar de sôbre ela recaír essa parte da vida, que mais uma vez prova qual a supremacia da sua missão.

Se da alimentação depende o bem estar da saude de toda uma família, que missão superior não é a de fazer com que todos se sintam bem, não é uma ocupação mesquinha a cozinha é antes uma profissão de caridade.

E ainda ha outra maneira de encarar a questão. O homem que tem em sua casa uma cuidada alimentação, umas ementas agradaveis, uns petisquinhos de que gosta, prefere e muito, comer em sua casa, evita os convites dos amigos, habitua-se ao lar, não tem a nostalgia do restaurante e, pouco a pouco, sente-se retido pelo hábito, em casa, perde o costume de saír sem a mulher, quando come fora de casa tem saüdades da comida caseira e pouco a pouco sem dar por isso está ligado pela guloseima ao lar e a mulher pode viver tranquila uma vida de família sossegada e simples.

Isto ha muito que foi compreendido pelas mulheres de países avançados, que fazem, devido ás suas qualidades de cosinheiras, uma vida sem ciumes nem agitação, uma vida idealmente tranqüila de esposas sossegadas. Eu bem sei que não é essa a vida idealizada pelas mulheres românticas, que sonham com o luar e que desprezam a cozinha como ocupação muito prosaica.

Mas o homem em geral é muito prateio e prefere um bom jantar com uns pratos apeteciveis, bem apresentados e bem feitos, a estar contemplando a lua, mão na mão e olhos no céu.

Outras pensam que o seu encanto reside na sua intelectualidade, e que entrar na cozinha é descer do seu pedestal de mulher superior, licenciada em direito ou letras, e que para conservar o seu prestígio se não deve baixar descendo a ocupar-se de tão mísera ninharia, como o é a cosinha, feita para as criadas.

Essa mulher tem no casamento a sepultura da sua felicidade, e breve o marido preferirá á sua sabedoria um prato bem cozinhado e apetitoso.

E não devemos considerar menos o homem por essa preferência aliáz muito natural, pois se a sua saúde o seu bem estar depende da sua alimentação, não é para extranhar que diante dum jantar mal feito, queimado, salgado, mal apresentado, que repugne em vez de apetecer, sinta esfriar a sua ternura conjugal, que um natural mau humor ensombra e escurece.

Enquanto que perante um prato apetitoso e bem feito, preparado com todas as regras, apresentado com toda a graça, o estomago agradecido e satisfeito lhe sugere as maiores amabilidades, lhe desperta a maior ternura por aquela, que lhe dá tanto bem estar.

E depois não devemos encarar a cozinha como uma coisa baixa, e antes como uma arte, tudo tem a seu lado artistico, cozinhar bem é ser uma artista culinária. E se a pintura tem Rafael, a escultura Berinin, a música Beethoven, a cozinha tem Vatel o rei dos cosinheiros célebre nos anais do bem comer, e tão bem conhecido, como os mais célebres artistas da pintura, da escultura, da música.

É que sem dúvida a arte de cozinhar não é inferior ás outras e que uma «galantine» bem feita é uma obra de arte que encanta como qualquer outra. Um pudim é uma maravilha, que todos apreciam e a mulher que dirige com esmero a sua casa, tem de conhecer os segredos que tornaram célebre Vatel.

Tem-no compreendido as americanas e as próprias estrêlas do cinema se dedicam com entusiasmo à cozinha sendo uma das mais belas cozinheiras Billie Burke, que a nossa gravura representa na sua casinha de Hollywood, afamada pelos bons petiscos que dela saem, isto não impede que a linda Billie, seja uma das mais elegantes e graciosas estrêlas do estrelado ceu da cidade do cinema.

E' pois para lamentar que o estado da culináría, não seja posto de parte na educação da rapariga moderna e que a par da sua vasta instrução ela possua o condão bem femenino de afagar no homem o defeito da guloseima, êsse pequeno defeito que é ainda uma prova de bom gôsto e que nunca poderá ser por ninguém censurado enquanto não leva ao trágico exagêro, duma desmedida gula.

Mas é preciso que a rapariga habituada a entrar na cozinha não se veja forçada, quando a criada se despede, a fazer como a recem-casada que nunca sonhara como a cozinha se fazia, e, que estando sem criada teve de atar uma galinha ao pé da meza da cozinha, e, pedir ao marido que a matasse a tiros de revólver e depois desta extranha caçada, única nos anais da cinegética, fez o caldo com a galinha com penas, porque não sabia, que para fazer canja, era preciso depenar a galinha.

Que triste jantar deve ter sido êsse, que se na lua de mel, teve desculpa na continuidade da vida, deve ter causado muitos dissabores, irritações e más disposições, que teriam sido evitadas com um pequeno conhecimento do que é a cozinha e os seus trabalhos.

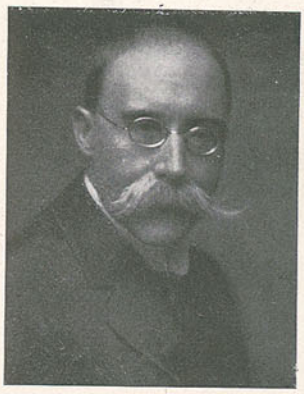
E' preciso que a mulher moderna se tem uma cultura mais vasta e um maior número de conhecimentos, não esqueça nunca de que é mulher e que tem de ser a prática organizadora da vida da família, pois dela depende o bem estar.

Maria de Eça.

Billie Burke na sua cozinha

FIGURAS E FACTOS

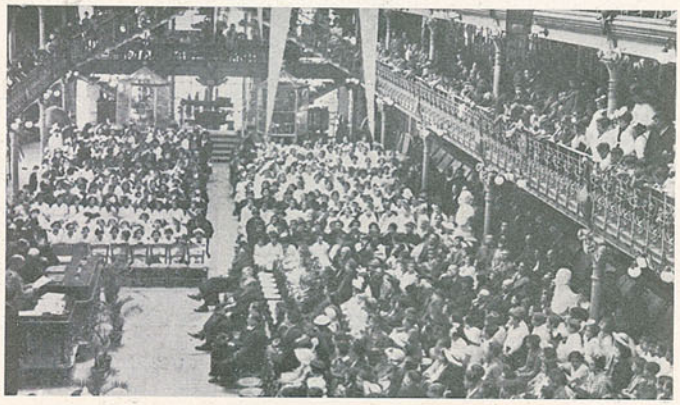
«ALMAS NEGRAS» é o título de um livro de contos da África misteriosa que João de Lemos acaba de publicar, e no qual faz reviver as emoções sentidas nessas adustas paragens do nosso domínio colonial



HOMEM CRISTO, o formidável panfletário, cuja longa existência é um verdadeiro modêlo, prossegue na publicação das suas memórias que intitulou «Notas da minha vida e do meu tempo». Nessas magníficas páginas evocativas passa a história dos últimos cinqüenta anos focada com a maior imparcialidade e com o maior desassombro. Os anos não enfraqueceram êsse antigo lutador, antes, pelo que estamos observando, lhe intensificaram o valor e a pujança. O ilustre director de *O Povo de Aveiro*, que não usa eufemismos, chama às pessoas e às coisas pelos nomes que elas devem ter sem se preocupar com os efeitos

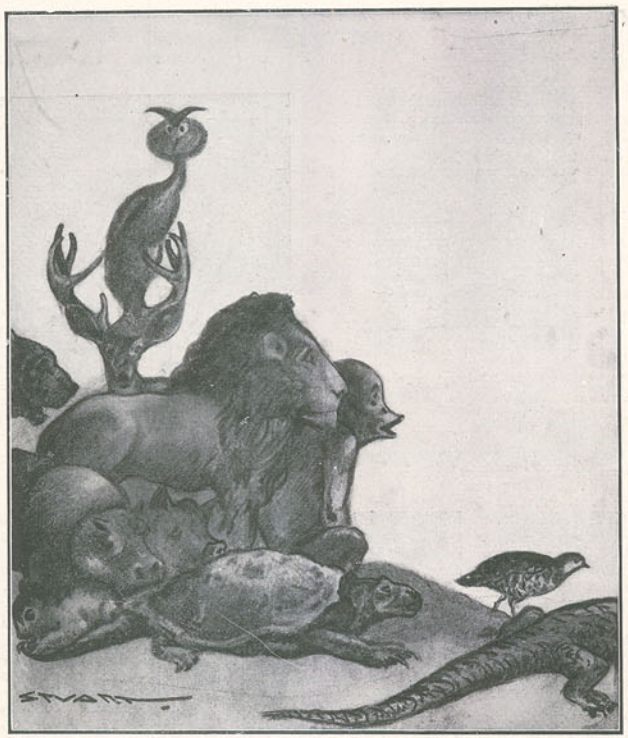
O ilustre escritor inglês A. Lionel Isaacs que, a convite do «Grupo dos Amigos da Universidade da Palestina», realizou no «Hehaber», de Lisboa, uma brilhante lição sôbre «Os judeus de Maiorca, e quinhentos anos depois»

FESTEJANDO a «Semana das Colónias» realizou-se uma sessão solene na Sociedade de Geografia a que presidiu o sr. ministro da Educação Nacional. A gravura acima apresenta o sr. conde de Penha Garcia no momento de usar da palavra, preconizando a cultura patriótica



UM aspecto da assistência infantil na festa de distribuïção de prémios às crianças das escolas primárias e que constaram de medalhas e diplomas. Como a gravura mostra, era encantador vêr essa assistência infantil em tôda a sua grandeza chilreante de pequeninos

ASPECTO do almôço oferecido pela «Sociedade Estoril Plage» aos membros da embaixada patriótica dos portugueses do Brasil, tendo usado da palavra os srs. Fausto de Figueiredo, dr. Pereira de Sousa, engenheiro Fernando de Sousa, dr. José António Marques, Roque da Fonseca, José Maria Alvares e Leonídio Ribeiro que enalteceram o acendrado patriotismo dos nossos compatriotas de além-mar



A triste história do urso Salamaleques

O urso Salamaleques era um urso perfeito, grande, tamanhão, feio, sempre bamboleando o corpo alambasado com tão extravagantes momices que dir-se-ia ferver em anseios de desaparecer pela terra com um tregeito maior.

Tão grande, feio e forte, não admirava que lhe tivesse mêdo — e mêdo de morte! — quem pela vez primeira o visse, rapa que rapa, pela floresta fóra, a estremecer as árvores com o pesado assentar da sua patorra e a cortar os ares com o sôpro da respiração curta e ruidosa.

— Uuum! — fazia o urso Salamaleques pelos caminhos, abanando a cabeça enorme e crespa. — Uuumm!...

E logo as mamãs bichas acalentavam os seus meninos, com suaves cautelas.

— Dorme, meu menino, dorme, que o Salamaleques feio já anda por aí e quere papar os pequerruchos que não fazem óó!

E o menino, cerrando os olhitos, trazido de pavor, soluçava:

— Eu durmo! Eu durmo!

E o Salamaleques, pelos tortuosos atalhos que ladeavam as habitações da bicharada, recortado o seu vulto disforme na sombra que a lua clara abrigava em misterioso jeito, ainda parecia mais terrível e medonho, a bambolear-se como se quisesse que a terra o engolisse a um tregeito maior. Mas, afinal, o Salamaleques, o urso forte e feio que era o papão dos bichaninhos, era um pobre animal, simples bondoso, crédulo e fraco de espírito, incapaz de fazer mal a ninguém, chegando a sofrer das culpas dos outros, que êle, numa eterna candura acabava por já nem saber se de facto seriam más. Um passa-culpas, um bonacheirão, um "pobre diabo", o terrível Salamaleques que tanto assustava quem pela primeira vez o via. Mas só pela primeira vez... que, fôsse quem fôsse que o bom do urso encontrasse, logo um largo sorriso lhe distendia as beiçanas enormes, e êle, dobrando-se em grandes mesuras, se mostrava tão serviçal, tão simples e inofensivo, que insensìvelmente o grande e forte urso tomava lugar nas afeições de quem pouco antes o temera.

Salamaleques nunca tivera pai nem mãe, cresceu aos tombos, daqui e dali; entregue aos cuidados das almas compassivas e fizera-se assim, agradecido a todos, amável, desejando sempre agradar e que nenhum bicho grande ou pequeno tivesse que se queixar dêle!

Quanta vez o pobre Salamaleques andava pela floresta a entreter com os seus passos desageitados de bom gigante os endiabrados, os temíveis filhos de tigre, chegando a deixar-se morder e arranhar para dar gôsto e prazer aos rebentos do que, um dia, lhe dera um pouco de carne para matar a fome!

Então, se tal sucedia, a bicharada atraída por esta espécie de espéctáculo de circo, apinhava-se em borborinho à volta do grupo, assistindo com deleite imenso às diabruras e maldades que os tigritos faziam ao pobre Salamaleques, estendido no chão, a arfar, moído, dorido, e encolhido até, quando as dentadas eram mais fundas e o faziam gritar afiitivamente!

E quando se levantava, sem fôrças para continuar a padecer êsse tormento, escorrendo sangue e a bicharada, com desapontamento, soltava um oh! desaminado, o Salamleques dobrava-se em mesuras, em comprimentos, parecendo pedir desculpa de ter posto fim ao seu sofrer, furtando-lhes a emotiva distracção.

Mas êle, o bruto encantador, que a tão duras provas se prestava, que penava para que outros rissem, não desdenhava de pôr as suas bondosas fôrças ao serviço duma humílima formiga, transportando-a no pêlo dum extremo ao outro da floresta, tão sensível e delicadamente que a pobrezinha, agradecida àquele sem o qual ainda a êsse tempo nem uma décima parte do caminho andara, juravalhe eterno reconhecimento.

E mais, êle nunca recebeu favores da insignificante Tópinha!

Outras vezes tomava a parte dos fracos contra os fortes e, então, era ver a sua alta e furibunda estatura curvar-se sôbre a do adversário, estrangulando-o nos seus robustíssimos braços até êle pedir misericórdia! Então, o Salamaleques pousava-o no chão e, curvando-se muito e sinceramente confrangido, suplicava:

— Queira desculpar! Tinha que ser! Mas não o fiz por mal! Queira desculpar!

Assim metera na ordem o endemoninhado chimpanzé, que andava a desinquietar todos os sagüizinhos e a roubar, matar e espezinhar os pequenos habitantes da floresta.

E — caso interessante! — o Salamaleques não tinha inimigos, ou se os tinha, êle não os conhecia porque tinham o cuidado de se esconder...

O Salamaleques era temido, querido e respeitado e, os próprios bichaninhos que ao anoitecer o temiam como a um papão, corriam de dia, à luz do sol, a levar-lhe entre risos um convite sempre aceite:

— Vens brincar comigo, Salamaleques?

E êle lá ia, a gingar muito, o bom urso!

El-rei Leão, o soberano das Selvas, Tendo ouvido muito falar do Salamaleques, da sua fôrça e generosidade, chamou-o à sua côrte e quis-lhe dar um cargo. O gigante quási chorou de alegria, mas, pediu a sua Majestade que acedesse em o deixar viver aquela vida livre em que tão útil se tornara.

Sensibilizado o Leão acedeu e, desde então, sustenta o Salamaleques e não tem subdito mais dedicado e leal, mais capaz de por êle dar o sangue, gota a gota, que êsse tamanhão sorridente e afável que as crianças adoram quando o dia lhes mostra o focinho bonacheirão.

Um dia, a bicharada que até então vivia tranqüila e satisfeita, não se sabe bem se para imitar os homens, alarmou-se com uma estranha nova.

Dizia-se à boca pequena que uma das mais altas individualidades do reino das Selvas se encontrava envolvida numa conspiração que tinha por alvo destronar El-rei Leão.

Verdade? Mentira?

O que é facto é que tôdas as noites, mormente as mais escuras e sombrias, quando as nuvens corriam chegadinhas às copadas árvores, havia um estranho movimento junto à caverna do Elefante grande.

Era agora o Tigre que vinha sorrateiro e lépido, logo uma "Boa" que deslizava sem barulho, depois uma Pantera cautelosa, e ainda mais.

Uma vez lá dentro, ninguém podia dizer o que se passava...

O certo é que, em certa ocasião, o Tigre mandou chamar ao seu buraco o Salamaleques, o bom e inofensivo Salamaleques e desta arte lhe falou.

— Amigo! Tens-me sido dedicado e leal durante muito tempo em paga dos serviços que te prestei! Chegou o momedto de provares que não és ingrato! Salamaleques, preciso de ti, da tua fôrça, da tua coragem!

Salamaleques, prostrado na frente do Tigre, humedecia-lhe as patas com a baba grossa que lhe escorria dos beiços distendidos no habitual sorriso.

— Tudo que quiseres, generoso Tigre! — urrou o urso.

Então o Tigre baixou a voz e, tendo conversado com êle durante algum tempo, acabou por lhe entregar uma fôlha de palmeira, (eram as cartas que os bichos usavam), com grandes recomendações.

Pela calada dessa noitinha, viu-se Salamaleques partir mansamente e sisudo para paragens desconhecidas e, desde então, o bom do urso, anda sempre num volteio constante, cá e lá, sem descanso, correio simples de missivas singulares.

O pobre sem cuidar da horrível acção que andava fazendo, nem sequer suspeitava daquele vai-vem a que o Tigre o forçava, nunca sentindo curiosidade de volver os olhos pelas largas fôlhas.

E constava já a conspiração, citavam-se nomes.

El-rei Leão, o alto protector de Salamaleques, teve conhecimento da crueza que contra êle se tramava e, numa das sortidas que Salamaleques ia fazer, foi detido no caminho por dois possantíssimos búfalos da guarda real e conduzido sem explicações nem detenças, apesar das suas risonhas e porfiadas súplicas nas masmorras subterrâneas da caverna do soberano.

Revistaram-no, tiraram-lhe a carta, não obstante os seus rogos, dizendo a quem ela pertencia e era segrêdo particular e, durante algumas semanas o infeliz ali esteve fechado, sem ar nem luz, sem ver ninguém, a não ser o Jaguar, feroz carcereiro que só lhe atirava um olhar do mais absoluto desprêso e até rancor.

Um dia, o pobre Salamaleques, magro e desorientado, sentiu que alguém lhe falava. Olhou em redor e avistou, perto de si, a Tópinha, aquela formiga laboriosa e esperta que às vezes transportava no pêlo.

— Tópinha! Tu? — murmurou o infeliz, derramando lágrimas.

— Schiu! meu grande tolo! Não faças bulha! E a Tópinha trepando àgilmente para junto dêle, disse assim:

— Vais ser julgado como réu de alta traição, envolvido na conspiração tramada pelo Elefante Grande e pelo Tigre, contra a vida e soberania de El-rei Leão!

— Mas eu não fiz nada! Não fiz! Juro-o! Não sabia de nada! Não fiz nada!

— Fizeste, sim! Transportaste as cartas em que os conspiradores de aqui se punham em comunicação com os de longe!

— Eu?! Mas o Tigre não me tinha dito nada! Nada! Eu não sabia! O Tigre enganou-me! Eu não sabia de nada!

— Bem sei! Mas, o Tigre é que tinha a certeza de que se tivesse dito a verdade tu não o atenderias! Mas, ninguem vai acreditar!

— Que fazer Tópinha? que fazer?

— Não sei! Veremos! Adeus, Salamaleques. Agora já estás prevenido!

— Não me deixes, Tópinha!

— Nada te posso fazer aqui — e lá fóra, talvez te ajude! Adeus!

E desapareceu como viéra.

.....

De que lhe servira ao pobre Salamaleques negar a sua traição e perfídia ante o júri indignado com tanta hipocrisia se o Tigre, o Elefante e demais bichos envoltos na trama asseveravam a sua parte na conspiração?

Debalde gritava, entre lágrimas que poucos comoviam e a muitos faziam rir.

— Juro! Juro que nada sabia, Majestade! Foi o Tigre que abusou da minha fiel amizade!

— Infame! — bradou o Tigre, fazendo tremêr a floresta com o seu bramir tremendo — infame! É mentira! Tu é que me induziste a entrar na conspiração!

— Queria ser rei! — bradava o Elefante.

— Disse que vos havia de matar! — replicou a "Boa".

— Ele é que quiz desempenhar o cargo do correio, alegando a confiança que todos tinham nele! — rosnou o Chimpanzé, que também era dos conspiradores.

— Traidor, embusteiro e falso! — gritaram em côro todos os assistentes!

Então, el-rei Leão ergueu-se e, do alto da sua soberania ofendida, declarou:

— Salamaleques! Mais do que qualquer outro me magôa a comprovação da tua infame conduta para comigo, que tanto te estimava. Por isso mesmo não devo perdoar-te, devo dar o exemplo de que nem mesmo os meus amigos eu poupo à execução da justiça! Búfalos! quando do cimo das árvores virdes subir ao céu o astro do dia, prendei Salamaleques ás vossas caudas e arrastai-o por toda a floresta até que esteja morto pela vergonha e pelos rasgões no corpo imundo!

— Piedade, senhor meu rei, que estou inocente: gemeu Salamaleques, aterrado.

— Que vai ser dos pobres bichos que ninguem mais defenderá dos maus! O que vai ser dos fracos, dos pequenos, dos débeis, das crianças que não terão quem os assuste nem quem brinque com êles? Piedade, senhor meu rei!

— Búfalos! Conduzi o preso à masmorra!

Nesse instante qualquer coisa inesperada se deu junto à mesa do júri, que os Búfalos não cumpriram a ordem e no rosto dos juizes e do rei transpareceu de súbito o mais profundo e compungido espanto.

Todos os olhos se afirmaram, todos os pescoços se estenderam e alguém, que reconhecera o vulto diminuto que oscilava na mesa, gritou:

— É a Tópinha! A Tópinha!

— A Tópinha! — reboaram as vozes gerais.

— A Tópinha! — soluçou o desgraçado Salamaleques com uma réstea de esperança na alma, ao vêr assim de improviso a sua amiguinha.

Então, finalmente, ao cabo de alguns minutos de ansiedade, el-rei Leão ergueu-se e, com voz que a comoção velava um pouco, assim falou à bicharada e a Salamaleques:

— Meus filhos! Uma nova testemunha de cuja probidade nos é impossível duvidar acaba de vir prestar o seu depoimento com o que tudo se muda por completo.

— Salamaleques está inocente do crime que lhe imputávamos e teve, por única culpa, a sua enorme bôa-fé, que lhe venda os olhos ao mal e em tudo e em todos lhe mostra candura e bondade iguais à sua, grande como o seu corpanzil.

Senhores, filhos meus: — Os verdadeiros criminosos aqui estão, confundidos com o pêso da sua culpa, onde, além de traição acresce a requintada maldade de culpar um inocente, tornado vítima das suas infames manigâncias. Eles sofrerão o castigo!

— Salamaleques! Estás livre e como punição única à tua bôa-fé, ordeno-te que aceites o cargo que te quiz dar! E, nunca mais, confies assim! Entre um cento de amizades, há apenas uma que merece a honra da nossa confiança!

Salamaleques, lançou-se-lhe aos pés, beijando-lhos enquanto a bicharada rompia em palmas e o Elefante, o Tigre, a Bôa e o Chimpanzé se estorciam de desesperada raiva. Debalde pediram perdão. Fôram prêsos nas masmorras para serem executados na manhã seguinte.

Salamaleques, desde então, é na côrte de el-rei Leão o vassalo mais sério e ponderado. Sempre afável e delicado, sabe contudo estudar os bichos e não ser amigo certo e crente senão de quem fôr seu amigo.

.....

E assim se vê que nem os fortes devem a todos estender a sua generosidade sã, nem devem jámais desprezar o afecto dos pequenos. São êles, muitas vezes, com a sua debilidade, os sustentáculos da grandeza!

Odette Passos de Saint-Maurice.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 3.
Copas — A. 9, 3.
Ouros — R. 9, 4.
Paus — — —.

Espadas — 10, 8.	N	Espadas — — —.
Copas — D. V. 8.	O E	Copas — R. 10.
Ouros — V. 8.		Ouros — D. 10, 6.
Paus — — —.	S	Paus — V. 6.

Espadas — V. 2.
Copas — 2.
Ouros — A. 7.
Paus — D. 5.

Sem trunfo. *S* joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o 9 de ouros, *O* o 3 de ouros, *N* o 2 de copas, *E* o 4 de ouros.

S joga Valete de copas, *O* o 10 de copas, *N* o 8 de copas, *E* o 4 de copas.

S joga o 3 de espadas, *O* o 8 de espadas, *N* o Valete de espadas, *E* o 7 de espadas.

N joga o Rei de copas, *E* o 6 de copas, *S* o 9 de espadas, *O* o 8 de ouros.

N joga o 4 espadas que *O* faz com 10 de espadas e é obrigado a jogar paus.

Se na primeira vasa *O* joga o 8 de ouros, o jôgo continua igual até à jogada do Rei de copas por *N*.

N joga o Rei de copas. Se *O* se balda a 3 de de ouros, *N* joga 4 de espadas.

Se *O* se balda a 9 de paus, *N* joga o 7 de paus.

Em qualquer dos casos *S* faz as seis vasas.

Uma original lotaria

No Canadá, em Findlater (Saskatchewan), os corvos constituem um verdadeiro flagelo para a agricultura. Aprisionam-se, por isso, uma porção dêstes pássaros, ligam se-lhe, ás patas números que correspondem a prémios de 100 a 500 *dólares* e soltam-se. Depois, todos os caçadores da provincia só pensam em abater os corvos, na esperança de tirar o número premiado.

Desta maneira, foram assim mortos, num só ano, uns 50.000 corvos, ficando, todavia, ainda muitos.

O «club dos 45 anos»

Um grupo de mulheres formosas de Nova York decidiu fazer guerra ao hábito, antiqüado, ao que parece, que consiste em dissimular a verdadeira idade que se tem. A associação que acaba de se fundar tem o nome de «Club dos 45». Não se sabe se se teria inspirado no titulo dum filme célebre: *A vida começa aos 45 anos*... Os estatutos da associação declaram guerra sem tréguas ao costume de mulheres ainda novas dissimularem mais ou menos discretamente a sua idade.

Cada membro da associação compromete-se, pelo contrário, a declarar a sua idade verdadeira, sendo a dissimulação da idade considerada uma superstição doutros tempos.

Uma mina singular

A mais pequena mina de carvão do mundo acha-se em uma ilhota do Mar do Japão, nas proximidades Nagasaki. Ali existe apenas o espaço suficiente para o poço e o maquinismo, mas a sua pequena dimensão é sòmente aparente, porque a mina pròpriamente dita estende-se em grande extensão, em tôdas as direcções, debaixo do fundo do mar.

Relójio musical

Foi, há pouco, oferecido a Padcrewski, o célebre pianista polaco, um relójio muito original e interessante. No mostrador das horas que é de platina, estas são representadas por doze letras I. J. Paderewski. Um téclado de piano em esmalte representa os minutos. O ponteiro das horas é na forma duma pena de escrever. O ponteiro dos minutos é como a batuta dum maestro. O mostrador dos segundos está marcado com as dozes letras Polska-Pooble, o distrito polaco onde Paderewski nasceu. Em volta do mostrador pela parte de fóra, estão as notas de doze frases extraidas de doze composições de Paderewski. Num circulo mais pequeno, para o centro, vêem-se as notas do seu famoso minuete.

Ondas cerebrais

É brincadeira corrente chamar a um rasgo de inspiração, uma onda cerebral. Pois a ciência, agora, diz-nos que ondas cerebrais não são brincadeira nenhuma, mas sim um facto.

Na realidade, tôdas as nossas idéas nos vêem através de ondas eléctricas que se produzem no cérebro.

As dimensões dêste nada tem que ver com a produção das ondas cerebrais e, caso estranho, essas ondas são mais freqüentes quando estamos sentados e com os olhos fechados.

A concentração de pensamento num ser humano suspende automàticamente as ondas cerebrais e o abrir os olhos produz o mesmo efeito, porque o movimento do grande nervo óptico absorve a electricidade que, de contrário, provocaria ondas cerebrais.

Com os animais dá-se o mesmo fenómeno. Nestes, porém, como no caso de gatos, coelhos e macacos, o movimento é a causa principal da interrupção desta irradiação misteriosa, que nalguns se produz com uma freqüência de dez ondas por segundo.

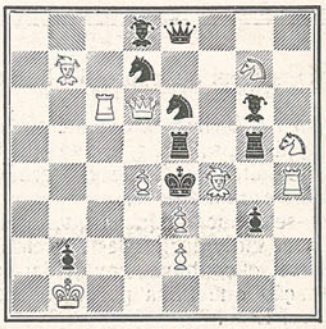
Mulheres, mulheres...

Dizia o sábio La Buise que ninguem se fie na mulher distraída porque é um lince que nos está observando.

Xadrez

Problema por Mansfield

Brancas 11 — Pretas 10



Jogam as brancas e dão *mate* em dois lances.

O perigo das moscas

Sem falar de certas moscas das regiões tropicais, como a que na Africa Equatorial propaga a doença do sono, devemos ter muito cuidado com as moscas vulgares que vivem em nossas casas, aparentemente inofensivas mas que tantas vezes transmitem a tuberculose, a febre tifoide, o carbúnculo, a desinteria, oftalmias purulentas, o cólera, etc.

Na tromba e nas patas, esses insectos nossos companheiros transportam os virus de tais doenças para a nossa pele e mucosas e ainda para os alimentos.

Protejámos, pois, os alimentos contra o contacto das moscas, guardando o pão, os bolos, a carne, etc., em armários com redes.

Em cima da mesa onde se come, pode usar-se uma gase fina sôbre o pão, a fruta e o dôce.

Os talheres devem ficar tapados com o prato voltado para baixo até se iniciar a refeição; os copos também devem estar de boca para baixo até se utilisarem. Quem puder, deve arranjar um mosqueiro e usar os diferentes pós e líquidos insecticidas, hoje bastante vulgarizados. Para completar devem afastar-se as estrumeiras e os esgôtos das habitações, pois é nesses locais que se desenvolvem as moscas. E' nesses meios, onde impera a porcaria que as moscas põem os ovos: cada uma põe várias vezes durante a estação calmosa e mais de 100 ovos em cada postura! Em cada ano, uma só mosca, calcula-se que chega a dar mais de cem milhões de moscas.

A pequenita, muito delicadamente, para o dono da casa que tem estado a mostrar as visitas, os trofeus das suas viagens: — Diga-me uma cousa, sr. Mascarenhas, onde está a pele de rinoceronte que o papá diz que o senhor tem?

(De «Windsor Magazine»).

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS
RESULTANTES DE PROFUNDAS
INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem arthritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... **15$00**
Pelo correio, à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VIAGENS

À VENDA

Categoria Literária das Cidades

POR LUIZ TEIXEIRA

A arqueologia e o pitoresco das cidades — Como viajam os franceses — Como viajam os americanos — Como viajam os portugueses — Paris — Londres — Atenas — Berlim — Hamburgo — St. Pauli — Hamburgo — Alemanha, país da cerveja — Gibraltar — Ilha de Malta — Nápoles — Veneza — A Sicília — Palermo — Redipuglia e Corfu — A Tripolitania — A Africa e a aventura — Regresso: Algarve em flor — Conselhos e confidências a quem parte: Viajar — A «toilette» — O amor — Itenerários no Adriatico

1 vol. de 242 págs., broch. . . . . **10$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 7.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **13$50**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO

DR. EDUARDO COELHO
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27$30**

Á venda em tôdas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA
Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00
Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

OBRAS
DE
JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$oc
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett — LISBOA

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 3.ª EDIÇÃO

AVENTURA MARAVILHOSA
DE D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL, DEPOIS DA BATALHA COM O MIRAMOLIM

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 páginas, com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**
Pelo correio, à cobrança **14$00**

Edição da LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado ..... 10$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs, brochado..... 10$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado... 12$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado ..... 14$00
ESPANHA — Nova edição..... no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado..... 12$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado..... 12$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch. 3$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado..... 12$00
SENHORA DO AMPARO — 250 págs, brochado..... 12$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — *Indice:* Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones„ A Alcáçova da Saüdade — As "Sabatinas„ na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco„ — En "San Juan de los Reys„ — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs, brochado..... 10$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado..... 12$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.
MIRADOURO Tipos e Casos — 320 págs., brochado..... 12$00
FÁTIMA, Graças, Segredos, Mistérios — 378 págs., brochado 12$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado..... 10$00
Eurico, o presbítero, (Romance). — 388 páginas, brochado..... 10$00
O monge de Cister, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado..... 96$00
Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado 10$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado..... 30$00
Composições várias — 374 páginas, brochado..... 10$00
Poesias — 224 páginas, brochado..... 10$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado..... 20$00
Opúsculos:
Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
» II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
» III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
» IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
» V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
» VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
» VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
» VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
» IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
» X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas
Cada volume, brochado..... 10$00
Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12$00

Com encadernação em percalina, mais 5$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

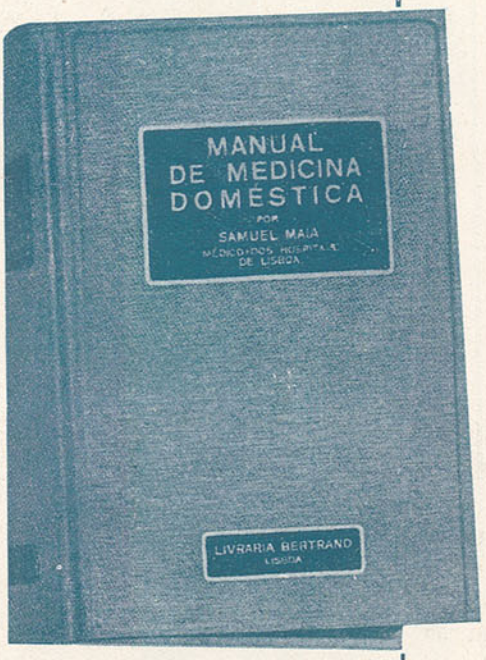
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

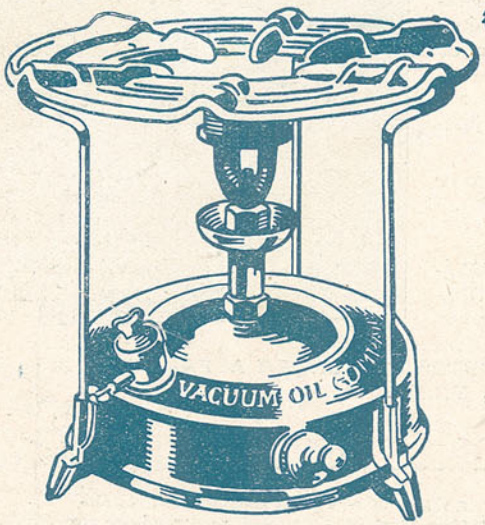
Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

Urgente!



O bébé não se sente bem...

Enquanto não vem o médico, ràpidamente se prepara no fogareiro VACUUM a água quente para o aliviar.

O fogareiro VACUUM é indispensável nestas, como em tôdas as circunstâncias, em que se torna urgente aquecer água.

Só são Fogareiros Vacuum aqueles que teem gravada a marca VACUUM

USAR SEMPRE PETROLEO VACUUM SUNFLOWER

FOGAREIROS VACUUM

1583